

Stadium

N.º 59 ★ 19 de Janeiro de 1944



BENFICA - SPORTING

Um dos grandes momentos do belo jôgo do Campo Grande: Azevedo vai captar a bola, carregado por Julinho e Teixeira. Barrosa segue o desenrolar da jogada

(Foto Nunes d'Almeida)

A NATAÇÃO

Sua importante acção pedagógica e humanitária

A natação figura entre todos os desportos como o mais reconhecível. Exercício completo, harmónico e agradável, oferece ainda a grande vantagem da sua extrema utilidade.

Põe em acção quasi todos os recur os do organismo, que tonifica em alto grau. Permite o exercício muscular em perfeita simetria de esforços, condição indispensável para um salutar equílibrio físico. É, além disso, desporto cheio de atractivos devido ao meio onde se pratica e ao ambiente que geralmente o rodeia.

Da sua utilidade social falam eloquente e de outros actos de benevolência e de altruísmo divulgados com frequência pela Imprensa. O conhecimento da arte natatória tem tornado possível o salvamento de inúmeras vidas que, doutro modo, seriam valores irremediavelmente perdidos para o património da humanidade.

É, dos exercícios desportivos o mais adaptado à natureza feminina. A leveza e a harmonia dos movimentos, bem como a graça ondulo-a que imprime ao corpo, fazem da natação o desporto ideal da mulher.

Pode ser praticada em quasi todas as idades, desde a tenra infância e durante toda a vida. Com a condição de se respeitarem as prescrições aconselhadas pelo grau de resistência física e pela idade dos praticantes. É, porém, dos 20 aos 30 anos que as possibilidades do nadador atingem a sua plenitude. É o período áureo desta actividade desportiva, em que geralmente se revelam os campeões.

A natação solicita o domínio perfeito do ritmo respiratório e boa permeabilidade nasal. Outras qualidades são requeridas, tais como grande capacidade pulmonar, boa coordenação motora, agilidade e resistência cardíaca.

Através da natação, obtêm-se os seguintes efeitos: aumento da capacidade vital, maior equílibrio do sistema nervoso e desenvolvimento dos músculos do tronco, especialmente os dos ombros. Além disso, os efeitos próprios dos movimentos musculares a acção benéfica da água. Os banhos frios, principalmente, são estimulantes, tónicos, aceleram a circulação sanguínea e favorecem as funções orgânicas.

A natação está contra-indicada aos indivíduos que sofrem de «espos articulares, eréctimo cardíaco, lesões pleuro-pulmonares e enfisemas pulmonares» (Boigey).

Praticar-se à beira-mar, nos rios, nos lagos e nas piscinas. Estas últimas, embora desvantajosas em muitos pontos de vista às águas correntes têm contribuído bastante para a difusão deste desporto, por se prestarem admiravelmente ao seu ensino. Nelas se realizam animados e pectáculos desportivos, que constituem óptimos elementos de propaganda.

A natação é um desporto de técnica máxima. A sua aprendizagem exige muita aplicação e persistência, compreendendo: exercícios de familiarização com a água, estudo das posições de flutuação e dos diversos estilos (a seco e na água), exercícios de mergulho e de salvação.

São muitos os estilos seguidos pelos nadadores. Entre os principais figuram: natação de bruços e de costas, o *over arm*, o *trudgeon* e o *crawl*. A maior parte dos estilos, distinguindo-se aos campeonatos, sacrificam tudo à velocidade — e daí as deformações morfológicas verificadas com frequência nos nadadores.

De bruços e de costas são os estilos mais educativos e, portanto, absolutamente indicados aos que procuram, em especial, o efeito fisiológico e higiénico do exercício.

A prática deste desporto requer prudência e moderação, visto serem desagradáveis e, por vezes, desastrosos os acidentes que pode provocar.

As características higiénicas e educativas da natação fazem dela um factor pedagógico da maior importância. A sua acção utilitária, moral e social, dá-lhe foros de exercício humanitário.

Merece, pois, que seja propagada entre todos as classes sociais e que o seu ensino se desenvolva e progrida.

ALBERTO S. VIANA

NOTAS & COMENTÁRIOS

MÁRIO DUARTE (filho) é uma figura interessante de antigo desportista. Praticou o desporto, em várias modalidades, e é ainda tenista distinto. E já-lo e pratica-o como verdadeiro «gentleman». Além disto, que bastaria para merecer a nossa simpatia, é de uma dedicação familiar fora do vulgar. Procura por isso todas as ocasiões para honrar a memória de seu pai e de seu irmão Carlos Júlio, já falecidos.

Aproveitando, agora, um rápido período de férias em Aveiro, visitou as sedes de dois dos melhores clubes locais: no Galitos, entregou uma taça com o nome de Carlos Júlio Duarte, disputada na Alemanha, durante alguns anos, por equipas de remo; no Beira Mar, a taça Mario Duarte, com o nome de seu pai, taça que pertenceu a vários clubes alemães em natação.

Mário Duarte (filho), nosso cônsul em Berlim, tem honrado a memória de seu pai e irmão no estrangeiro. E trouxe depois as taças para os clubes da terra em que ambos foram figuras de grande relevo social e desportivo. A sua acção é, pois, digna de francos elogios.

ESTEVE em festa no dia nove deste mês, pela passagem do sexto aniversário da sua fundação, a Associação Académica de Espinho, que forma, com o Sporting da linda praia noroeste, o duo dos melhores clubes locais. A Associação Académica de Espinho tem sido um dos animadores do «hockey» patinado, nos campeonatos portugueses da especialidade.

A Associação Académica de Espinho, as nossas felicitações.

COMEÇOU no princípio deste mês a ter plena execução, por parte da Federação Portuguesa de Futebol, a interdição da prática do popular desporto aos atletas analfabetos. Deixou, pois, de se jogar futebol sem saber ler nem escrever...

A inscrição, em qualquer prova oficial, tem por base documento comprovativo de saber ler e escrever. Os clubes podem servir de garantia de compromisso, fazendo uma declaração nesse sentido. Cuidado, porém — com os abusos. E os erros — saiem caros!

MAIS outro desporto vai continuar em actividade — o «handball». Ao torneio de abertura, segue-se, agora, o campeonato regional. Na altura própria, não deixa por certo de se organizar, como de costume, o campeonato do país... No «handball» trabalha-se com entusiasmo — e regularidade.

No grupo dos desportos de inverno, faltam, apenas, o «rugby» e o «hockey» em campo. Tem cuidado. Mas é possível que reapareça em melhores condições de expansão.

O Sport Algés e Dafundo fez, no penúltimo domingo, as suas primeiras provas na piscina de inverno. Não passaram de corridas inter-sócios. Mas constituíram já uma boa demonstração da sua actividade — em natação.

O Estoril e o Algés prepararam-se com entusiasmo para o primeiro encontro. Aumenta por isso a perspectiva — para a nova época.

ANO XII — Lisboa, 19 de Janeiro de 1944 — II SÉRIE-N.º 59

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director & Editor

DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da

SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:

T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º

Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.

Composição e impressão tipográfica na

GRAFICA SANTIAGO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A propósito dos sistemas de arbitragem no futebol, transcrevemos, com a devida vénia, do livro de Pedro Escartin, conhecido e categorizado árbitro espanhol, sobre o regulamento de futebol o seguinte período.

«Como colocar-se no terreno? Há duas tendências principais: a de o árbitro correr em diagonal, e a de o fazer ao longo de um dos lados do campo, no lugar do interior correspondente à equipa que ataca. Aconselho este último sistema: primeiro, porque se apreciam muito melhor os «fora de jogo»; segundo, porque, desta forma, o árbitro não estorva».

DO mesmo livro, recortamos esta oportuna recomendação aos árbitros:

«Nunca chames a atenção a um jogador colocando-lhe a mão em cima, nem tão pouco te dirijas ao jogador em atitude descomposta ou teatral. O que tenhas a dizer ao rapaz, por mais graves que sejam as tuas razões, nada justifica que o exteriorizes e deve ficar entre ti e ele. A ira é sempre péssima companheira para uma boa arbitragem».

E este outro período, a respeito de outra recomendação: «Quanto lhe digas, não o faças em tom de ameaça, mas sim com carinho, afectuosamente, e com esse sentido paternal que está tão dentro da nossa missão como árbitros».

EM qualquer campeonato desportivo, o entusiasmo resulta especialmente da novidade — e do equilíbrio de valores. No torneio oficial da I Divisão de futebol, na temporada em curso, a atracção, na fase inicial, anda à volta do excelente comportamento do Atlético. É uma novidade, para um meio habituado à supremacia dos três grandes clubes — Belenenses, Benfica e Sporting. E trouxe a luta um maior equilíbrio de forças. Os resultados dos jogos com o Atlético são uma surpresa — e despertam por isso maior emoção.

Seja qual for o lugar que o Atlético venha a manter na sequência da prova, a verdade é que o seu comportamento veio animar o campeonato. Trouxe-lhe um pouco de vida nova — e de maior vibração.

ENTRE os resultados verificados nas «poucas» regionais do campeonato da II Divisão de futebol, merece realce a vitória conquistada pelo União de Beja, contra o Lusitano da mesma cidade, actual e antigo campeão distrital.

É uma novidade que movimentou o futebol bejense. Foge ao ritmo da habitada supremacia do campeão — e desperta o entusiasmo do público. E bem possível que o triunfo obtido pelo União, quebrando o marasmo dos últimos anos, crie novas perspectivas ao futebol no Baixo Alentejo. Oxalá que assim seja.

POR parte do «basketball», a situação parece remediar-se; campeonatos regionais à vista, pois o torneio principal deve ter começado ontem. No entanto, a actividade dos clubes tem-se limitado a torneios particulares. E nas últimas semanas não se passou da visita do Carnide Club ao Porto, visita já comentada nas colunas da «Stadium».

FORTUNATO ANJOS, artista plástico de talento multi-forme, premiado já com segunda medalha em pintura a óleo, figura de relevo entre os artistas da moderna geração, encontra-se também representado no Salão de Inverno da Sociedade Nacional de Belas Artes, a que nos referimos no último número. Tem um trabalho na secção de desenho e outro em pastel. A qualidade supera a quantidade. Pouco — mas bom. A sua Maria dá... Saúde, em pastel, é um trabalho magnífico.

Fortunato Anjos, com um bom gosto capaz de operar maravilhas, é um dedicado cooperador da «Stadium». Os seus triunfos constituem, para todos nós, motivo de grande satisfação. Registrando com agrasimento o êxito obtido com os seus quadros, felicitamo-lo muito sinceramente.

Começou o 13.º campeonato regional e resumem-se, a propósito, os 12 anos de actividade oficial deste jogo em Lisboa

A Associação Lisbonense de Handball, primitivo nome da actual A. H. L., foi fundada em 25 de Novembro de 1931 e tem promovido, regularmente, desde o ano imediato, os seus campeonatos regionais em duas categorias, além de algumas competições para abertura e encerramento da época.

Principiou no domingo passado o seu 13.º campeonato e, a propósito, vão-se evocar os antecedentes da prova e da actividade oficial do «handball» lisboeta.

O primeiro campeonato de Lisboa teve principio em 15 de Maio de 1932, com 13 clubes concorrentes e divididos em duas séries, cada qual jogando em «poule» e numa só volta. Os resultados em primeira categoria foram os seguintes:

Série A — 1.º Sporting, 15 p.; 2.º Avenidas, 13 p.; 3.º Portugal, 10 p.; 4.º «Os Treze» e Centro de Armas, 7 p.; 6.º Magistério Primário, 6 p.

Série B — 1.º Lisbonense, 17 p.; 2.º Cascais e Academia Recreativa, 14 p.; 4.º Académico, 12 p.; 5.º Benfica, 10 p.; 6.º Ginmásio, 8 p.; 7.º Lisboa Basket, 5 p.

Na final, o Sporting venceu o Lisbonense por 1-0. A equipa dos «leões» era formada com elementos provenientes das outras secções: o guarda-redes Manuel Henriques jogava a médio de formação no grupo de «rugby», donde também transitaram Salazar Carreira, Rui Oliveira, Vasco Caiola, Castro Freire e Joaquim Alvarez; do futebol vieram três internacionais, o avançado José Manuel Martins, o médio centro Felipe dos Santos e o guarda-redes Cipriano Nunes, que ocupava um posto de médio lateral; o atletismo forneceu Ildo Gomes e Cecilio Costa e a natação Ernesto Barros. O único jogador propriamente especialista do «handball» era o interior esquerdo, Epaminondas Gomes.

Em 2.ª categoria, Benfica e Sporting classificaram-se nas séries respectivas, ganhando os «encarnados» o jogo decisivo, por 2-0.

No ano seguinte, 1933, voltaram a formar-se duas séries para treze participantes, que não eram já os mesmos da época de estreia.

Na Série A, apurou-se o Sporting, seguido por «Os Treze», Academia, União Lisboa, Lisbonense e Lisboa Basket; na outra série foi classificado o Académico, que precedia Benfica, Carcavelinhos, Belenenses, Ginmásio, Cruz Quebrada e Centro de Armas.

O Sporting venceu a final, por 2-0, mas foi desclassificado a favor do Académico, que reclamava a propósito da inscrição de Felipe dos Santos, feita após o prazo regulamentar.

A final das 2.ª categorias, disputada pelo Belenenses e pelo Sporting, foi favorável aos «azuis» por 3-1, depois de um empate a 1 bola.

Em 1934 reuniram-se os treze clubes numa

única série e com uma volta; o Sporting ganhou com um total de vitórias e a marcação notável de 57 bolas a 2.

Os restantes classificados, foram respectivamente: Benfica, «Os Treze», Académico, Carcavelinhos, Belenenses, Cruz Quebrada, Ginmásio, Cascais, Atlantic e Caixa Operária, sendo eliminados por faltas o Lisbonense e a Academia.

O Belenenses conservou o título de 2.ª categoria.

O campeonato de 1935 foi o primeiro que compreendeu duas divisões. Na primeira divisão o Sporting alcançou vitórias nas duas cate-

participantes e voltou-se ao regime da divisão única, com dez grupos repartidos por duas séries, das quais se apuraram para a «poule» final os dois primeiros e o melhor dos terceiros, jogando os cinco restantes outra «poule» de classificação.

O vencedor do campeonato foi «Os Treze», batendo na «poule» final o Sporting, Benfica, Belenenses e Clube Alemão; na outra série venceu o Marvilense, seguido pelo Ateneu, Operário, Carcavelinhos e Académico.

Em 2.ª categoria venceu o Sporting pela terceira vez consecutiva.

O campeonato de 1938 comportou três séries, nas quais se classificaram, por esta ordem: «Os Treze», Operário e Lisbonense; Sporting, Carcavelinhos, Marvilense e Internacional; Belenenses, Benfica, Ginmásio e Ateneu. Os três vencedores disputaram uma «poule» final, da qual saiu vencedor o Sporting, após jogo de desempate com os «Os Treze».

O vencedor da 2.ª categoria foi o Belenenses.

Em 1939 voltamos à série única, com onze componentes e classificação a contar para a separação em divisões no ano imediato; ga-



A equipa do Sporting, vencedora do 1.º campeonato de Lisboa de handball, em 1932. De pé: o árbitro Antão Marques, Cecilio Costa, E. Barros, Castro Freire, Salazar Carreira, J. Alvarez, José Manuel Martins e Epaminondas Gomes. Sentados: Felipe dos Santos, Vasco Caiola, Manuel Henriques, Ildo Gomes e Cipriano dos Santos.

gorias, sobre «Os Treze», Carcavelinhos, Académico, Belenenses, Benfica e Cascais, que se cotaram por esta ordem na categoria principal.

O Clube Alemão, estreado da época, venceu o torneio da 2.ª divisão com enorme superioridade, batendo o Probidade, Academia, União, Marvilense, Caixa Operária e Atlantic.

No ano seguinte, 1936, mativeram-se as duas divisões: na primeira repetiram-se as duas vitórias sportingistas, seguindo-se nos grupos de honra o Benfica, «Os Treze», Belenenses, Clube Alemão, Académico, Carcavelinhos e Probidade; na segunda divisão ganhou o União Lisboa, sobre Ateneu, Operário, Marvilense, Ginmásio, Caixa Operária, Academia e Internacional.

Em 1937 começou a diminuir o número de

nhou o Sporting e seguiram-se-lhe Lisgás, Belenenses, Marvilense, Unidos, Operário, «Os Treze», Ginmásio, Benfica. Os «leões» foram também os vencedores na outra categoria.

Os resultados de 1940 foram de novo favoráveis ao Sporting em ambas as categorias, o mesmo sucedendo a «Os Treze» na segunda divisão. Classificaram-se, após o Sporting, o Lisgás, Unidos, Belenenses, Marvilense e Operário; e em seguida a «Os Treze», o Ginmásio, o Internacional e o Poço dos Negros.

Em 1941 voltou a repetir-se a separação em duas divisões, a segunda reduzida a três componentes. Na primeira divisão ganhou o Belenenses, sobre Sporting, Lisgás, Marvilense, «Os Treze» e Unidos; na segunda o Ginmásio bateu o Lisbonense e o Glória.

Nas segundas categorias venceram o Sporting e o Ginmásio.

A diminuição de praticantes restabeleceu em 1942 a divisão única; o Sporting triunfou em duas categorias, obrigado a desempatar com «Os Treze» e Belenenses, respectivamente na primeira e segunda categorias. Os restantes classificados foram: «Os Treze», Belenenses, Unidos, Marvilense, Lisbonense e Internacional.

Finalmente, na época finda, 1943, o Belenenses foi campeão pela segunda vez, precedendo Unidos, Sporting, «Os Treze», Marvilense e Benfica. O Sporting conservou o título na categoria inferior.

Em resumo somando os campeonatos: Categoria de honra: Sporting, 8; Belenenses, 2; Académico e «Os Treze», 1.

Segunda categoria: Sporting, 8; Belenenses, 3; Benfica, 1.

Segunda divisão, honra: Clube Alemão, União, «Os Treze» e Ginmásio.

Segunda divisão, 2.ª categoria: «Os Treze» e Ginmásio.

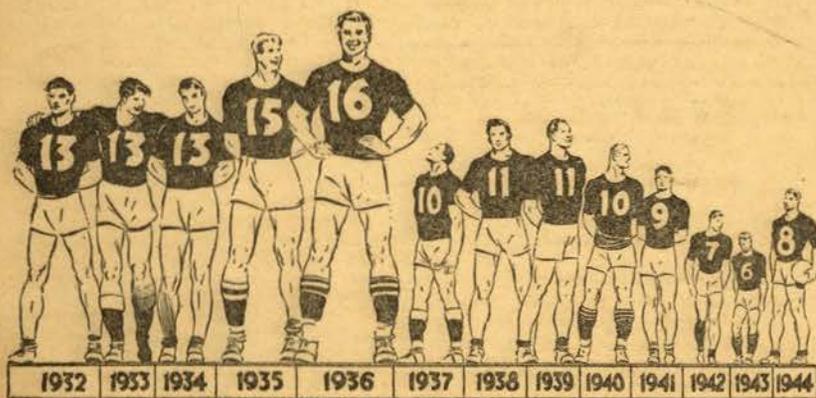


Gráfico do número de participantes nos 13 campeonatos

(Conclui na pág. 7)



Gabriela Cantharino

a melhor tenista portuguesa da actualidade

ENTRE os desportos considerados de escol — daqueles, poucos, que nem toda a gente pratica ou pode praticar... — avulta o ténis. E para se chegar a atingir a craveira de campeão em modalidade tão difícil, é necessário, realmente, reunir um conjunto de qualidades especiais, que habilitem à categoria de ás. Ora isto sucede a poucos — e quando se trata de senhoras há que render-lhes a homenagem a que têm direito.

Gabriela Cantharino é uma das pouquíssimas senhoras portuguesas praticantes do ténis, que ao belo e elegante desporto tem dado o melhor da sua dedicação e entusiasmo. Honra lhe seja! Por isso a homenagem, sincera e justa, que hoje se lhe presta nesta página. Boa desportista, temperada principalmente nas duras lidas do ténis, não necessita de elogios e dispensa encômios. Merece-os, sómente... Pelo seu entusiasmo cada vez maior. Pela sua perseverança. E pelo muito que aquele desporto lhe deve.

Começou cedo, menina ainda, a praticar o ténis. E hoje, senhora já, o seu entusiasmo é igual ao de outrora. E' de sempre! Não cansa... Prosseguiu vitoriosamente a sua carreira de desportista, aureolada de triunfos — justos prémios da dedicação e tenacidade que tem manifestado pelo ténis — através de duas décadas. Porque Gabriela Cantharino, a nossa primeira tenista da actualidade, pratica-o desde 1923. Mas só cinco anos mais tarde figurou, pela primeira vez, num torneio de características oficiais. Tinha 13 anos quando principiou a jogar, seguindo as indicações de seu irmão Fernando, então campeão universitário. Curiosidade: treinava sôzinha, arremessando a bola, horas seguidas, contra uma parede, e recolhendo-a na «raquette» para voltar a devolvê-la sem descanso! Usava uma bola e uma «raquette» velhíssimas — o que então havia e de que, na altura, podia dispor... Assim começou a carreira daquela que viria a ser, anos mais tarde, a melhor jogadora portuguesa de ténis.

Gabriela Cantharino, uma senhora distinta e uma jogadora consagrada, cujos triunfos não têm conto, é de Lisboa — mas teve a sua estreia de desportista, o seu baptismo, no Monte Estoril. Foi nos acourtes do extinto Casino Português. As primeiras noções recebeu-as, conforme se diz acima, de seu irmão — e os conselhos de família não podia tê-los aproveitados melhor! A par do ténis, o desporto de sua feição, Gabriela pratica também, com entusiasmo, o «golf» — outro desporto de escol... — e a natação. Mas, a todos, prefere o ténis... Porque é a modalidade de que mais gosta e por ser aquela que lhe tem proporcionado maior soma de triunfos. Entre variadíssimos outros prémios de muita valia, a nossa campeã possui para cima de trinta taças — um belo e elucidativo «documentário» da sua actividade!...

Tem jogado em diferentes pontos do país: em Lisboa e no Pôrto; na Figueira da Foz e em Cascais; na Praia da Rocha e no Estoril. Nunca jogou no estrangeiro, por circunstâncias especiais de momento, apesar de ter sido convidada para exhibir-se em Vigo, em Barcelona e em Birmingham, na Inglaterra. Acompanhou a equipa metropolitana, que, em 1938, foi a Luanda disputar os campeonatos de Angola. E teve então a satisfação de conhecer Mary Bobela Motta, que pela primeira vez defrontou e a quem derrotou. No final desse ano foi à Madeira, com a mesma equipa, a fim-de tomar parte nos campeonatos do Country Clube do Funchal.

Succesora legítima, de direito e de facto, da famosa jogadora Angélica Plantier — das mais prestigiosas figuras do ténis nacional e que foi campeã de Portugal dezasseis anos consecutivos — Gabriela Pereira Cantharino está considerada, pela federação portuguesa da especialidade, a tenista n.º 1, desde 1935.

Campeã de Angola em 1938, talvez a época do seu apogeu, é, também, campeã nacional de pares, com Maria Teresa Cunha, nestes últimos sete anos. Várias vezes campeã internacional de pares-mistos e de singulares-senhoras, não tem encontrado, ultimamente, adversária portuguesa à altura da sua categoria.

A nossa tenista n.º 1 nunca falou para a Imprensa! Nunca foi entrevistada! Porque não tem querido — valha a verdade... Mas abriu uma excepção — e essa honra, que nos desvanece, concedeu-a ela à «Stadium». Mas a palestra tem de ser rápida — entre uma partida de ténis e um momento de bem ganho repouso...

És as suas impressões, colhidas num relâmpago — e até em momento de boa disposição... e de muita felicidade para nós:

— Cultivo o ténis por gosto, e, de maneira geral, admiro todos os bons desportistas: Roquette e Ricciardi são, para mim, os melhores jogadores portugueses de ténis; mas igualmente aprecio, admirando-os pelo entusiasmo e perseverança, os novos valores da modalidade. Nesse lote distingo Prata Dias, Fernando Frade e José da Silva. Quanto aos estrangeiros, não posso deixar de mencionar Suzanne Lenglen — que veio a Portugal quando eu tinha apenas oito anos... mas de quem nunca mais me esqueci! Jean Borotra, que vi jogar com Lacoste, em Paris; Kirby, Meyer, Destremeau, Carles, Pepa Charvart e Mme. Rurac — e tantos outros que nos têm visitado, sem esquecer, é claro, o extraordinário Henri Cochet, actualmente entre nós, e com quem tive o grato prazer de emparecear num «match» de exhibição. Das jogadoras que defrontei, em singulares, foi Mrs. Edwards, famosa inglesa que vivia em Vigo e esteve entre nós algumas vezes, a minha melhor adversária; e a mais difícil foi sem dúvida Miss Scriven, também inglesa, que veio ao Estoril há onze anos e contra quem joguei em pares. Quanto às portuguesas ponho Angélica Plantier em primeiro plano, por ser figura inconfundível de campeã predestinada; e também Mary Bobela Motta, com grandes faculdades técnicas, infelizmente afastada da actividade...

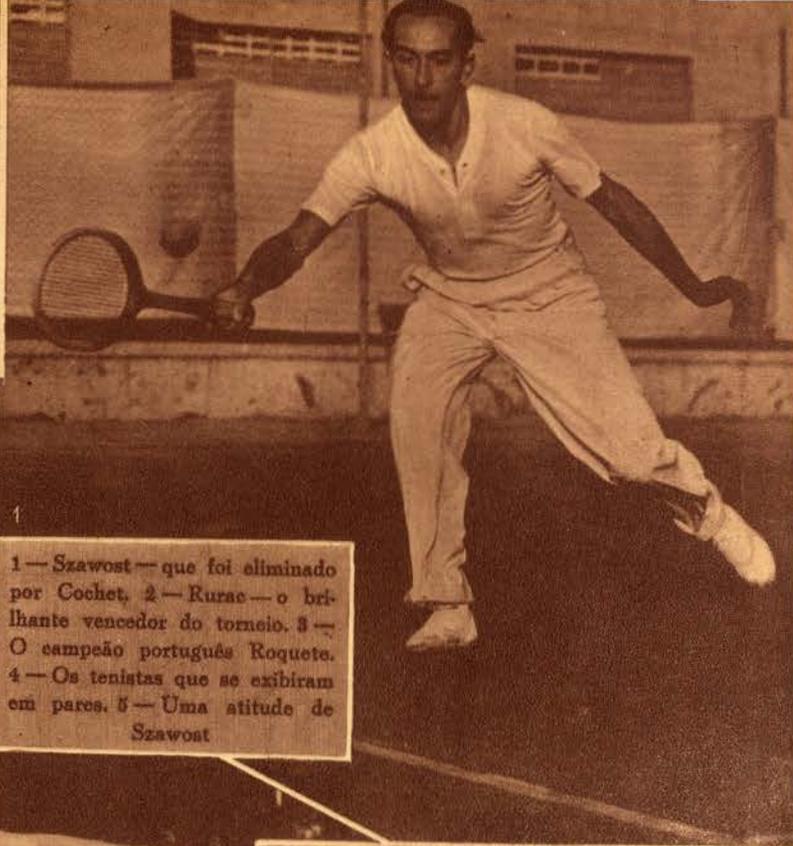
«Gosto sobretudo de ver jogar o ténis e o futebol. Aprecio igualmente, e muito, o cinema e o teatro... Mas acima de tudo prefiro um bom concerto sinfónico! A música, depois do ténis, ou talvez tanto como o desporto que me fez campeã, tem a minha preferência, é a minha paixão... No que respeita ao desporto feminino em Portugal, acho que tem feito grandes progressos, em especial no atletismo, no «basketball» e em natação; é pena, contudo, que as raparigas portuguesas não se interessem mais pelo ténis — dos desportos mais elegantes para ser praticado por senhoras. Creio, se não me engano, ser a única que o pratica a sério. Ultimamente, em torneios, só tenho defrontado estrangeiras... E, no entanto, deve haver raparigas com habilidade e desejo de jogarem o ténis. Quando aparecem?...

«Para concluir, parece-me que posso formular uma pergunta: «Quando é que as raparigas da minha terra se decidem a jogar o ténis, mas a valer? Confesso que me seria muito grato passar o meu título de jogadora n.º 1 a outra portuguesa — e creio que já não é sem tempo...

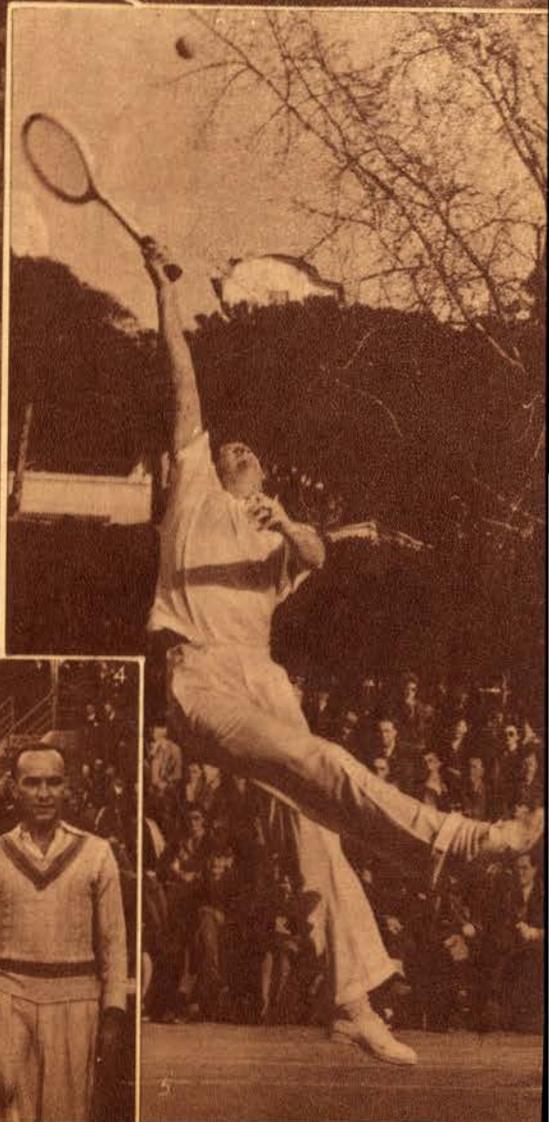
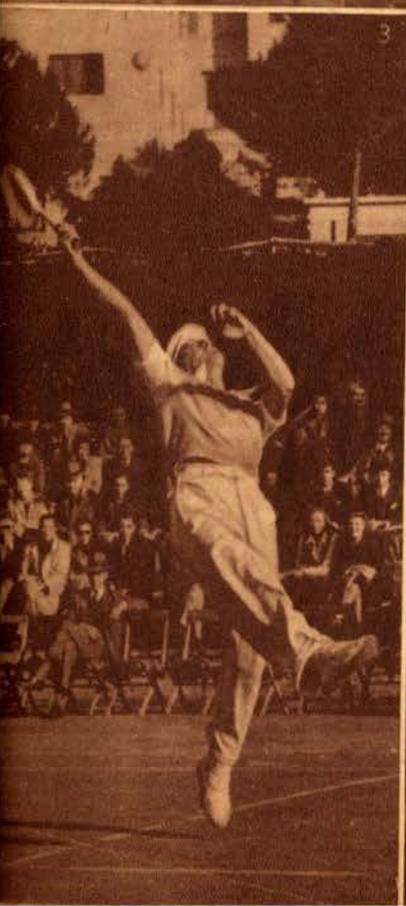
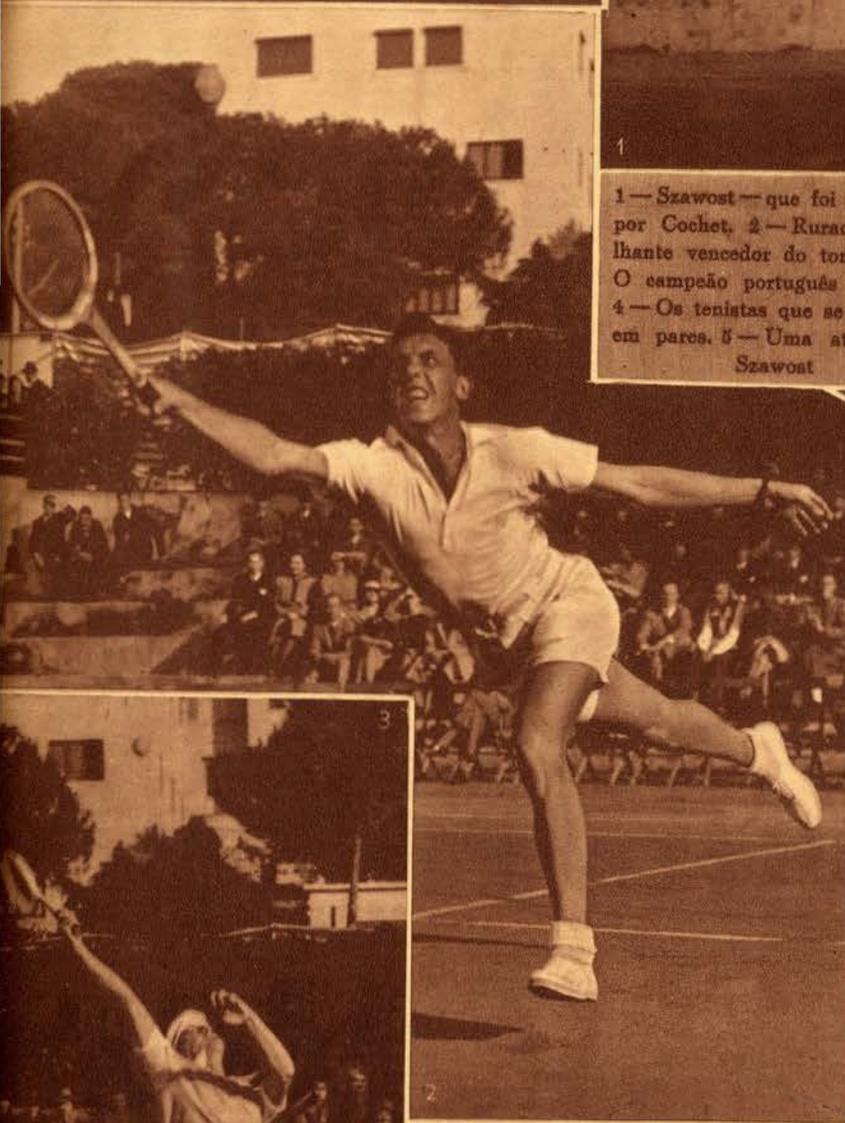
Jorge Monteiro



Os Campeonatos
Internacionais
de **TÊNIS**
no Estoril



1—Szawost—que foi eliminado por Cochet, 2—Rurac—o brilhante vencedor do torneio. 3—O campeão português Roquete. 4—Os tenistas que se exibiram em pares. 5—Uma atitude de Szawost



A itiva jornada do campeonato nacional foi magnífica. Num pulo, o Belenense passou para a cabeça, isolado, arrastando atrás dos seus treze pontos, lado a lado, Sporting e Atlético, com 12 pontos cada, logo seguidos pelo Benfica, com 11, e pelo Olanhense, com 10 pontos.

Os dez concorrentes estão perfeitamente separados em dois lotes de igual número. Ao primeiro dos quais acima se faz referência, e que tem a curiosa particularidade de incluir dois clubes que, normalmente, não estavam costumados a cavalarias tão altas. Referimo-nos ao Atlético e ao Olanhense.

O segundo lote é chefiado pelo Pôrto, o grupo que marca perfeitamente a transição dos chamados *fortes* para os de mais fracas recusas. O Vitória (Setúbal) pretende à viva força erguer-se nos bicos dos pés, destacando-se. Os outros, Vitória (Guimarães), Salgueiros, e Académica lutam com entusiasmo, cada qual procurando cumprir o melhor possível. Na classificação, os quatro do fim, estão distanciados uns dos outros por um ponto. Sempre que dizer alguma coisa esta referência.

Nada se pode afirmar quanto ao desfecho do torneio. Todas as esperanças são permitidas ao lote de melhor qualidade. Desde o Belenense ao Olanhense, também todas as dúvidas e interrogações podem estabelecer-se. Temos, portanto, um torneio em cheio. Como deve ser. Não nos admirando que, jornada a jornada, com os concorrentes tão juntos em pontos, o posto de honra conheça vários «senhores».

Antes de mais nada, o que se deve frisar é o seguinte: *O futebol domina por completo.* Nunca a paixão pelo jogo foi tão grande. Nunca os adeptos se preocuparam tanto com os *teams*, o jogo e os jogadores. Para o encontro Benfica-Sporting os bilhetes esgotaram-se. E não se falava noutra coisa. Mas, por exemplo, no Algarve, o interesse pelo Olanhense-Atlético absorvia as atenções gerais do público algarvio. Quando um desporto consegue impor-se desta maneira — está dito tudo. Não sofre confronto com o que quer que seja.

Por sinal, a partida Benfica-Sporting respondeu à expectativa. Foi um jogo próprio para agradar e conquistar adeptos. Do princípio ao fim, uma luta árdua e vigorosa, com resultado indeciso. Basta dizer que se fizeram nove *goals* (sete na 2.ª parte). Mais, ainda, que o Sporting sofreu sem pestanejar a transformação de 2-2 em 4-2, para reagir, e insistir num espírito colectivo digno das grandes equipas, chegando ao empate 4-4, como que para o Benfica ter a honra de ganhar no último apito.

O desafio foi muito bem disputado. Aqueles que são contra o futebol moderno, de concepção colectiva em contraste com o individualismo, deviam ver este jogo, e por certo não deixariam de entusiasmar-se, chegando até à medula o *melhor espectáculo deste mundo*.

De um lado e de outro organizaram-se *deseñhos* do mais puro recorte, com demarcações que estabelecem alto nível de jogo, sendo a rapididade de execução e movimentos a característica do encontro. Caso curioso, a «avalanche»

FUTEBOL

Sobre a 8.ª jornada

DO CAMPEONATO NACIONAL

Benfica - Sporting e o futebol português

Por TAVARES DA SILVA

dos *goals* deve-se à circunstância de qualquer dos grupos não ter *ideia defensiva*, antes, pelo contrário, mostrar em tudo, e por tudo, ganas de ataque. Dentro deste capítulo, o Sporting foi mais ordenado que o seu adversário, construindo a sua linha de ataque um jogo de combinação digno de relêvo, andando a bola de pés para pés, com precisão, tanto junto ao terreno como um pouco por alto. No Benfica, a precisão do lance foi substituída pela energia e pela especial v. braço que distingue os seus representantes. Mais uma vez seria de apontar, como símbolo, o magnífico interior-esquerdo, de quem já alguém disse, e com propriedade, que desta unidade tudo depende — o bom como o mau comportamento da equipa.

O desafio não foi só grande, do duplo ponto de vista técnico e emoção criada pela incertesa do resultado. Mesmo que se abstraia de ver as coisas em conjunto, ainda nos sobejam lances, ou jogadas, que, só para vê-las — iríamos outra vez ao Campo Grande. Por exemplo, aquele formidável remate com o pé direito de António Marques! E o *goal* de cabeça de Teixeira, tão veloz e tão bem executado, que nenhum *keeper* do mundo seria capaz de defender!

Como sempre, há motivos para uns estarem mais contentes que outros. Como tudo decorreu, não há dúvida de que a sorte bafejou bem mais o Benfica que o Sporting. Não falando já no *goal* do último minuto (espécie que não aparece todos os dias), basta citar um período, de depois do empate 2-2, em que o Sporting não fez *goals*, nem se sabe porquê. A trave, um pequeno nada, uma coisa que escapa a toda a série de observações. No fundo, porque não tinha de ser. Margem para os sportinguistas discutirem durante toda a semana a injustiça do resultado, considerada justiça pelos benfiquenses. Todos se esquecendo que o futebol é assim mesmo, um produto que vale o que os *goals* valem, sendo certo que, se é bom saber jogar, ou jogar alguma coisa, também não é mau ter pelo nosso lado um factor que se chama sorte, ou capricho do jogo, ou seja o que seja, um futebol que dá e tira triunfos, tanto provocando sorrisos como lágrimas. Trata-se de um aspecto em que não queremos tomar posição, porque o que nos interessa é fixar que o futebol é assim mesmo, e que isso cons-

titui fundamentalmente a razão do seu triunfo, como alicante de multidões.

Tudo o Campo Grande palpitava, no domingo passado, no despieque dentro do campo e cá fora. Que a assistência também se repartiu (o Benfica só dominou quando conseguiu 4-2, no resto, a réplica sportinguista fez-se sentir).

Portanto, em síntese, pode dizer-se que os ataques de ambos os lados se portaram bem melhor que as defesas, as quais, apesar de tudo, — verdade, verdade, — consentiram alguns *goals* com facilidade impressionante.

Já no Algarve, em Olhão, as coisas não se passaram assim. Embora as condições de luta também fossem dignas — tanto para vencedores como para vencidos. Quere dizer, o ataque do Atlético, impellido e empurrado por uma linha média que cada vez sabe melhor jogar a bola, não conseguiu perfurar as linhas defensivas algarvias em condições de êxito. Rectificando, quando conseguiu passar pelos buracos abertos na defesa, não soube rematar. E o como o futebol se ganha, marcando bolas, foi o Olanhense que arrebatou os dois pontos da tabela, atraído mais uma vez a atenção geral para a vivacidade e boa ordenação de esforços do seu ataque, forte e sério. No entanto há que dizer que a estrutura do grupo do Atlético posta em dúvida, sem razão plausível, por muita gente, não sofreu abalos, pelo contrário, deixando em todo o Algarve a melhor das impressões. Quere dizer: o aviso mantem-se.

Os viajantes devem observar o extremo sul do país com apreensões, e ter em conta que o desfecho do torneio dependerá muito do que se passar no estádio Padinha.

Ha que ter em conta que os torneios se ganham mais com os pontos conquistados fora de casa do que dentro de casa. Claro que, às vezes, mesmo em ambiente próprio, também se perde, e então é a calamidade. Até os grupos costumados a perder não gostam de ser batidos nestas circunstâncias.

Todas as jornadas nos dão exemplos, mais ou menos frisantes, do alto valor do chamado *ambiente* como elemento da luta. Esse factor faz subir um *team* e baixar outro, surgindo deste modo vitórias que, noutras circunstâncias, não se dariam.

Não quere isto dizer que a Académica não fôsse bem batida em Setúbal. Mas a verdade — sejam justos — é que o grupo de Coimbra anda perseguido por qualquer mau olhar. A sua derrota desenhou-se numa grande penalidade (discutível) e durante toda a 2.ª parte os estudantes podiam perfeitamente ter marcado. Mas o próprio empate Salgueiros-Vitória de Guimarães, como a exibição do Pôrto, não será ainda um exemplo do factor ambiente?

Julgamos que sim. E com isto não se tira mérito ao *team* belenense, que parece em veia e absolutamente resolvido a voltar ao brilho inesquecível do campeonato de Lisboa, atestado no artístico das suas combinações e na prodigiosa habilidade de alguns dos seus elementos. A «máquina» de Belem está novamente afinada, sendo de destacar a solidão com que a sua defesa se apresenta. Mas é indiscutível que o Pôrto, obrigado a fazer um grupo entre duas épocas, tem muito mais valor na sua terra do que em Lisboa, até porque os seus elementos ainda não têm o «calor» suficiente, uma coisa que só se adquire no fragor amidiado da competição.

Insistindo num ponto. O futebol domina como nunca. É a grande paixão desportiva. Não podia deixar de o ser, visto tratar-se de desporto que nos dá lutas como o Benfica-Sporting, a um tempo tecnicamente notável e grandemente emocionante.

II DIVISÃO DO CAMPEONATO NACIONAL

Os montijenses forneceram a surpresa da jornada

batendo o Estoril Praia

PROSSEGUIU no último domingo, com acentuada regularidade e interesse, a disputa do campeonato nacional da II Divisão, cuja primeira fase está quase em meio.

O apuramento das equipas que hão-de passar à segunda parte do torneio continua a provocar desmedido entusiasmo, pois à medida que as jornadas se sucedem e as possibilidades de cada concorrente se revelam mais nitidamente, estes empregam-se com ardor para rectificar as suas posições.

Seguidamente, focamos, de releance, as notas salientes da 6.ª esalada.

Grupo A

Disputaram-se onze desafios — um tempo do número total de encontros que a jornada comportava. Cinco foram ganhos pelos «teams» que jogavam em casa; três, pelas equipas visitantes, registando-se três empates. Marcaram-se 40 «goals». Nenhum dos vencedores foi além de três «goals» de vantagem e só dois — Ramal-

dense e F. C. Avintes — conseguiram essa diferença. Infer-se, portanto, que não houve partidas grandemente desniveadas.

Na série 1, onde estão os minotos e o Vila Real, radicou-se a impressão de que o Famalicão e o S. C. Vila Real são os mais apetrechados. O Fafe, o Gil Vicente e o Sporting de Braga equivalem-se, num segundo plano, e o Vizela e o Vianense formam atrás.

Nas duas sub-séries, constituídas por dezasseis clubes da A. F. Pôrto, as equipas de maior «cartel» estão, agora, passadas que foram as primeiras jornadas, a evidenciar menos claramente a sua supremacia — empates e resultados mais escassos.

No último domingo, o desafio de maior importância foi jogado entre o Leixões e o Boavista e ganhou pelo segundo por um «goal» de vantagem. O Leça não foi além de 1-0 contra o C. D. Aves e o Académico empatou com o Vilanovense. É pouco...

Grupo B

Entre os clubes da A. F. Aveiro, o Sporting de Espinho foi o que obteve resultado mais claro: 3-0 contra o Beira Mar. O «leader» — a Sanjoanense — foi o que se viu em maiores dificuldades, ao visitar a Ovarense. O União de Lamas tirou boa vantagem de jogar em casa.

O empate entre o Anadia e o Naval 1.º de Maio não surpreende, tal como a folgada vitória do Lusitânia sobre o Coimbraense. Entre os vianenses travou-se luta equilibrada e entre os clubes da Beira Baixa e Alto Alentejo também não se registaram «scores» que deixem pensar em lutas desequilibradas.

(Conclui na pág. 14)

O Sport Clube Beira-Mar

rendeu preito à memória de Mário Duarte

ENTRE os valores mais notáveis dos tempos primitivos da introdução e propagação do desporto em Portugal, o de Mário Duarte, pai, destaca-se pelo realce inesquecível da sua obra construtiva e eclética, que irradiou da sua querida região aveirense para se tornar conhecida e admirada em todo o país pela sua projecção verdadeiramente nacional.

O entusiasmo comunicativo das suas convicções e o extraordinário dinamismo da sua vida de praticante e de orientador desportivo, deram ao seu nome uma aura que o tempo ainda não apagou e, na cidade onde maior influência exerceu, fulge em especial como símbolo perene que a saúde e a lembrança avivam a cada hora.

Seu filho Mário, outro desportista de fina estirpe, que é digno herdeiro das paternais tradições, encontra-se em Portugal gozando curta licença da sua actividade de nosso consual em Berlim — e teve a delicada atenção de trazer da Alemanha dois troféus para oferecer aos dois clubes desportivos da sua terra: o Galitos e o Beira-Mar.

A entrega do primeiro fez-se na mais estreita intimidade, mas para o segundo, intitulado «Mário Duarte, Pai», quis o Beira-Mar revestir o acto de certa solenidade, incorporando-o numa sessão solene, para a qual convidou o nosso distinto colaborador Dr. Salazar Carreira a pronunciar uma conferência sobre a figura e do apostolado do sãntido Mário Duarte, pai, que fôra presidente honoarário da colectividade.

A cerimónia realizou-se na passada sexta-feira e revestiu-se do maior brilhantismo, podendo afirmar-se que constituiu consagração condigna da personalidade homenageada.

A ocorrência de público foi enorme e a recordação de Mário Duarte trouxe ao magnifico salão de festas do Beira-Mar a mais luzida representação de todos os meios sociais, altas individualidades e asturquias aveirenses. A iniciativa do simpático clube encontrou o acolhimento presumível e pôde dizer-se que, sob a égide da memória de Mário Duarte, se confirmou a confiança na continuidade da sua obra e na fidelidade aos seus preceitos de doutrina e de fé.

A sessão foi presidida pelo representante do chefe do distrito, tendo a seu lado os srs. comandante do regimento de infantaria 10, presidente da Câmara Municipal e os dois filhos do homenageado, Mário e Francisco Duarte.

O dr. António Christo, hustrre deputado, que chefia a direcção do Beira-Mar, agradeceu, com palavras repassadas de emoção, o belo troféu oferecido ao seu clube e teve referências de carinhosa saudade ao profundo apreço e amizade para os elementos da família Duarte, o pai e os três filhos, que todos foram dedicados cola-

boradores na tarefa de educação desportiva a que vivem associados — fundação e acridade do Beira-Mar.

O dr. Mário Duarte, filho, por sua vez, afirmou quanto o sensibilizava a homenagem que a prestigiosa colectividade prestava à memória de seu pai, cujo nome ficava ligado ao troféu que confiava ao clube como testemunho de gratidão pelas inúmeras provas de estima recebidas por ele e pelos seus e ainda pela orgulhosa satisfação que, longe ou perto do país, sempre sentia quando tomava conhecimento das vitórias alcançadas pelos representantes do Beira-Mar, para prestígio do desporto português e glória do desporto aveirense, de que seu pai fôra o primeiro animador.

A conferência do dr. Salazar Carreira, escutada com religiosa atenção por todos, interrompida por vezes por espontâneas ovações, foi a magnífica exaltação das virtudes de Mário Duarte, pai, praticante e dirigente, animador e criador, valorizada ainda pelos preciosos conceitos com que acompanhou a exposição dos argumentos destinados a provar o valor educativo da orientação doutrinaría dos precursores do desporto português.

Principiando por traçar o perfil de Mário Duarte, enquadrado no ambiente incompressivo da sua época que mais valoriza aveirense, esquematizou em seguida os princípios espirituais que definem a verdadeira ideia desportiva, para concluir traçando com perfeito sentido crítico a análise das três épocas do desporto português, passado, presente e futuro, ligando-as nas suas influências e perspectivas.

No final da sessão, acatocimento de invulgar relevô na vida desportiva aveirense, foi servido aos convidados um Pôrto de Honra, durante o qual se fizeram interessantes afirmações de confiança nos destinos do desporto aveirense e de decidido apoio das principais autoridades do distrito.

O belo esforço do Maria Pia Sport Clube

NO dia 1 de Dezembro de 1922 um grupo de 300 ex-alunos da Escola Profissional de D. Maria Pia decidiram, ao cabo de porfia-dos esforços, dar realização prática a um sonho que de há muito acalentavam: fundar um clube com características especiais, exclusivamente «dêles», isto é, que sustentasse pela vda fora as relações de camaradagem e queridas na Escola. A sua função era absolutamente social. O desporto seria derivativo, complemento, meio...

Esta linha de conduta, óptima em todos os pontos de vista, não pôde, infelizmente, manter-se. E o Maria Pia passou, a partir de determinada altura, a ser um clube para toda a gente — antigos alunos, ou não.

Não tiveram, porém, de que se arrepender os seus dirigentes, pois o clube tem encontrado, mesmo fora dos ex-alunos, grandes dedicações e quem tenha defendido a sua bandieira com entusiasmo sincero.

Falar do Maria Pia obriga, naturalmente, a citar alguns dos seus êxitos desportivos. Anotamos, pois, ao acaso: Lopes de Azevedo, que foi campeão de luta greco-romana; Joaquim Belo que, em 1930, ganhou, como nadador, nos campeonatos regionais, tôtas as provas de «infantis» e «princípios»; e recordemos, também, o célebre «team» de «water-polo» do Maria Pia, que no seu primeiro jôgo, contra o

(Conclui na pág. 15)

HANDBALL

(Conclusão da pág. 3)

Além dos campeonatos, a A. H. L. tem organizado também outras provas. Assim, por exemplo, temos os Torneios de Preparação — em prova organizada pela Associação desde 1934, precedendo o campeonato; era reservada nos primeiros anos aos quatro melhores classificados do campeonato anterior. Eis os resultados sucessivos:

1934 — Prova a eliminar, vitória do Sporting sobre «Os Treze», na final, com eliminação respectiva do Académico e do Benfica.

1935 — Foi vencedor o Sporting, em «poule», seguido por Benfica, Carcavelinhos e «Os Treze».

1936 — Sempre vencedor o Sporting, sobre Académico, «Os Treze» e Carcavelinhos.

1937 — 1.º Sporting; 2.º «Os Treze»; 3.º Belenenses — e desistência do Benfica.

1938 — Triunfo para «Os Treze», cujos adversários foram o Belenenses, o Benfica e o Sporting.

1939 — Novo êxito do Sporting, sobre Benfica, Belenenses e «Os Treze».

1940 — Ganhou o Lisgás, seguido por Belenenses Sporting e Marvilense.

1941 — O torneio foi disputado a eliminar à segunda derrota, com seis concorrentes; nas finais, o Sporting venceu o Lisgás por 8-5 e 2-1.

1942 — Disputado a eliminar por 7 equipas; na final, o Sporting ganhou ao Unidos por 6-1. 1943 — Disputado em «poule» de quatro. Venceu o Belenenses, sobre Unidos, Sporting e «Os Treze».

*

No fim da temporada de 1935 foi organizado um interessante torneio a duas derrotas, dotado da «Taça de Honra». Participaram oito clubes, sendo sucessivamente eliminados Probidade, Carcavelinhos, Benfica, Belenenses, «Os Treze» e Cascais; na final, o Sporting bateu o Académico, ao 3.º encontro, por 5-2, sendo este jôgo uma das melhores exibições de «handball» a que se tem assistido em Lisboa.

JOSÉ DE EÇA

OS oito clubes inscritos na A. H. L. iniciaram no domingo a competição para o campeonato, êste ano particularmente interessante pela maior aproximação de valores entre as principais equipas concorrentes

.. FLECHA ..

A melhor bicicleta

Salão de Exp. e Vendas:
L do Intendente - LISBOA



Na 3.ª Divisão da A. F. L.
o Desportivo dos Olivais comanda os lisboetas...

PARA quem, há anos, acompanhe de perto os torneios da 3.ª Divisão da A. F. L. e conhece, portanto, as características de cada grupo, suas possibilidades, seus recursos, e, sobretudo, os resultados alcançados em épocas anteriores, não pode deixar de encontrar no presente campeonato qualquer coisa de diferente e de novo, em relação a temporadas anteriores.

Não porque o valor técnico das equipas tenha melhorado. Pelo contrário, quando muito, estacionou. A nota inedita está no equilíbrio de forças, êste ano verificado. E é esse equilíbrio de forças que tem emprestado uma boa parcela de interesse, e até emoção, ao torneio presentemente em disputa.

Today, há mais qualquer coisa a registar, que muito tem contribuído para as modificações constantes operadas na tabela da classificação: as surpresas que tôdas as jornadas temos a registar.

Ainda no domingo último, o Cascalheira, verdadeiro desmancha-prazeres, bateu de maneira inludível o «leader», por 3-0. Os rapazes dos Olivais, esta época em belas condições para ganhar, não esperavam, por certo, o ímpeto e a fogauidade com que o grupo do Cascalheira se apresentou. Foi além de mais, uma surpresa, uma vitória boaista, e, sobretudo, indiscutível.

O beneficiado foi, naturalmente, o Sport Palmense, que vê, assim, de novo, começar a sorrir-lhe a possibilidade de atingir o primeiro lugar. Enfim, quatro equipas, pelo menos, podem ainda ganhar a competição. São elas: o Desportivo dos Olivais, o Desportivo Operário, o Palmense e o Cascalheira. Qual delas alcançará a almejada vitória?

As próximas jornadas o responderão, em esquecendo que temos que atender, pelos vistos, às surpresas que vão seguir-se...

No núcleo de Cascais, o Parede marca confiante, e parece pouco disposto a deixar-se desmanchar do primeiro lugar.

Entre os grupos da Costa do Sol, a luta é igualmente cerrada, mas menos fértil em surpresas...

O BELENENSES está isolado no 1.º posto
 NOTAS SALIENTES da 8.ª JORNADA:
 o vibrante match do Campo Grande
 e a primeira derrota do Atlético, em Olhão



Uma enérgica entrada de Arsenio para dificultar a defesa de Azevedo. Valadas corre para o que der. Manuel Marques e Cardoso seguem a intervenção do seu "keeper" com ansiedade



Ainda com Martins a cruzar-se, Albano, em corrida, confirma o 1.º ponto dos "leões."



Arremesso amador de um jogador



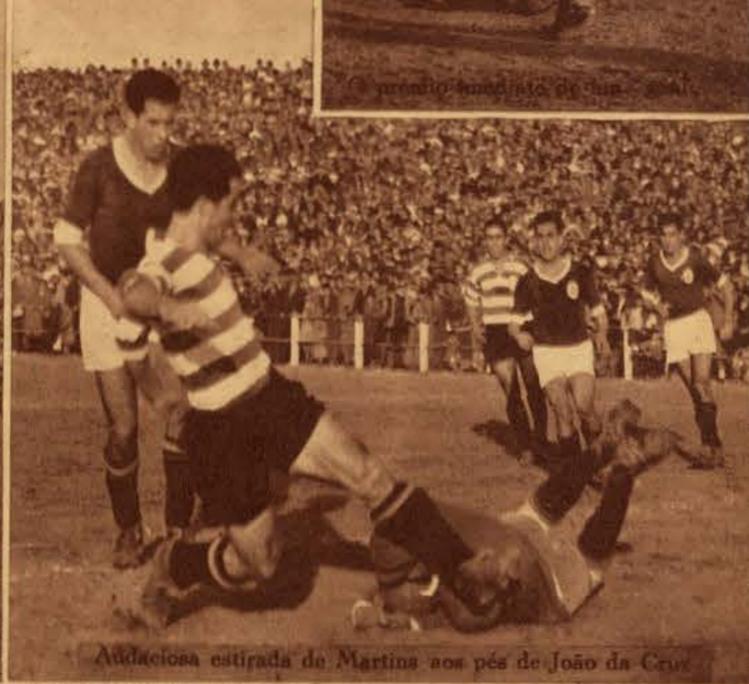
Peyroteo marca de cabeça o 2.º "goal" do Sporting apesar da esforçada intervenção de Martins



A bofetada atómica de uma fase, em que ressalta a decisão de Azuma das suas intervenções



Uma defesa apertada de Martins



Adalçiosa estirada de Martins aos pés de João da Cruz



A disputa da bola no meio campo dos "leões"

MAIS uma vez o torneio da taça «Stadium» serviu para inauguração de uma temporada de ténis de mesa. Ontem, em nove mesas, devem ter-se disputado os primeiros encontros oficiais da época de 1943/44, correspondentes à primeira eliminatória da interessante competição.

E, assim, esta prova — que a nossa revista patrocinou há meia dúzia de anos, quando a modalidade atravessava grave crise — vai ganhando, de época em época, foros de tradição no ténis de mesa lisboeta.

Num dos nossos últimos numeros históricos já esta competição. Houve entretanto um intervalo motivado pela necessidade de aguardar instruções da D. G. D., o que quer dizer que a sexta edição da prova obedecerá já a novas disposições. E agora volta a pensar-se na taça «Stadium», com entusiasmo e interesse que a inscripção de deztoit equipas — numero nunca alcançado — deixa adivinhar.

Como estão constituídas as 18 equipas concorrentes

Em 1943/44 a prova vai ser disputada por dez clubes. Mas, porque alguns não quiseram limitar a sua representação a uma equipa, são deztoit os «teams» que vão lutar pela conquista do trofeu que o Sport Lisboa e Benfica, com duas vitórias consecutivas nos últimos anos, se prepara para guardar definitivamente.

A par de gente nova, há nomes consagrados na modalidade, num contacto que vai ser altamente proveitoso para os que pretendem alcançar fama no interessante jogo.

ABRIU A NOVA ÉPOCA DE TÊNIS DE MESA

A TAÇA «STADIUM»

está a ser disputada por 18 equipas — um número record»

«Stadium» não pode deixar de corresponder à gentileza que a inscripção nesta prova representa. Promete, por isso, dispensar-lhe a melhor colaboração e publicidade, acompanhando nas suas colunas o desenrolar do torneio.

E, para começar, vai dar a conhecer os nomes dos 25 jogadores que constituem as equipas. Vejamos, portanto:

Ateneu Comercial de Lisboa — Leonel Lacerda, Levy Abrantes e Renato Ribeiro.
Centro Escolar e Republicano de Arroios — Américo Oliveira e José Sereno.

Clube Atletico de Campo de Ourique — Luiz Costa, Armando Cunha e António Figueiredo.

Clube de Futebol «Os Belenenses» — Equipa A, Carlos Vagueiro, Manuel Peixoto e Armando Costa; Equipa B, João Gouveia, Xavier Sousa, António Esteves e Joaquim Cardoso.

Futebol Clube Monte Pedral — Feliciano Valentim, José Cabrita e Alexandre Valente.

Grupo Dramatico e Escolar «Os Combatentes» — Manuel Neves, Júlio Costa, Fernando Costa e Gumerzindo Ailar.

Instituto Superior Técnico — Equipa A, Ricardo Baragana e Augusto R. Rosa; Equipa B, João Antas e João Barroso; Equipa C, Carlos Bastos e Fernando Vozzone; Equipa D, Joaquim Carneiro e Henrique Claves; Equipa E, Jorge Vozzone e Francisco F. Almeida; Equipa F, Euzébio de Almeida e David Cohen.

Liberdade Atletico Clube — Costantino Gomes, António Fuschini e Abel de Oliveira.

Sport Lisboa e Benfica — Equipa A, Oliveira Ramos, Francisco Campos, Abílio Santos e Pinheiro Velloso; Equipa B, Rogério Santos, Correia de Lacerda, Jaime Silva e Carlos Galiano.

Sporting Clube de Portugal — Equipa A, Carlos Feio, Abílio G. Silva e A. Gago da Silva; Equipa B, Octávio Fragoço, Heleio Baptista e Mário Santos II.

Com um lote tão avultado e valioso de concorrentes não se pode duvidar do êxito e interesse dos encontros.

O sortelo dos primeiros encontros

O primeiro acto da organização da A. T. M. L. teve lugar na última quarta feira, na sede da Associação. Estiveram presentes vários directores e representantes de clubes concorrentes. Ao fim e ao cabo, ficaram designados os adversários dos encontros das duas primeiras eliminatórias. Porque a prova é a eliminar à segunda derrota e porque se adivinham alguns encontros de resultado indeciso até final, difícil se torna calcular quantos «teams» passarão a terceira ronda.

Eis o resultado do sorteio:

ENCONTROS MESAS A UTILIZAR

1.ª eliminatória — ontem

Benfica A — Técnico B	Combatentes
Técnico A — Liberdade	Ateneu
Monte Pedral — Campo de Ourique	Liberdade
Combatentes — Belenenses B	C. Ourique
Técnico D — Técnico E	Benfica
Técnico C — Belenenses A	Monte Pedral
C. E. R. Arroios — Técnico F	Belenenses
Ateneu — Sporting B	C. E. R. Arroios
Benfica B — Sporting A	Técnico

2.ª eliminatória — hoje

Campo de Ourique — C. E. R. Arroios	Liberdade
Ateneu — Técnico C	Monte Pedral
Liberdade — Combatentes	Benfica
Técnico A — Sporting A	Ateneu
Belenenses A — Belenenses B	Belenenses
Técnico B — Técnico D	Técnico
Monte Pedral — Técnico E	C. Ourique
Benfica B — Técnico F	Combatentes
Sporting B — Benfica A	C. E. R. Arroios

Não deixa de ser digna de evidência a circunstância do sorteio ter designado para cada uma das jornadas uma luta entre os eternos rivais Benfica e Sporting.

TEE-TEE

A REPARIÇÃO EFÊMERA DE CARPENTIER

NA última quinzena de Novembro findo, revivendo demoradamente o nosso minguado arquiv pessoal, que durante mais de seis anos repousou no fundo de certa mala, caí-nos a vista sobre um exemplar amarelado de um jornal francês. Por curiosidade que a nossa falta de memória, naquele momento, espicava, desdobrámo-lo e percorremos o texto de *L'Echo des Sports*, de terça-feira 10 de Dezembro de 1913, ou seja o jornal a que nos referimos.

Logo na primeira página, em letras maiúsculas, noticiava a fulgurante vitória do pugilista Georges Carpentier sobre o campeão da Inglaterra, Billy Wells, em 80 segundos, no National Sporting Clube, de Londres, perante assistência selecta, que presenciou, atônita, a queda do seu compatriota.

A descrição é magistral e lamentamos, pela sua extensão demasiada, não poder reproduzi-la. Sem dúvida que enfileira com as obras literárias mais notáveis deste género, não só pelo colorido da narrativa como pelo episódio dramático final — o momento em que Jim Driscoll, pugilista inglês invencível, esgazado e meio louco, abre caminho no público e grita «Cobarde! Cobarde!» ao pobre Billy Wells, que retirava titubeante do ring.

Voltando a dobrar o documento, volvemos os olhos ao passado e recordámos as proezas sensacionais de Carpentier: o fulminante *knockout* de Joe Beckett e o heróico assalto a essa fortaleza americana Jack Dempsey, a mais acabada combinação de martelo e bigorna que apareceu nos últimos anos a batalhar no ring. No segundo assalto, mercê de passes e fintas sábiamente conduzidas, o francês estoqueou o americano com a graça e desenvoltura de um toureiro mágico. Nós vimos o colosso dobrar as pernas pelos joelhos, deixar cair os braços, principiar o movimento da queda. O público, impulsionado pelo magnetismo da ocorrência, ergueu-se dos assentos. O próprio Carpentier contemplou, estático, o adversário — e *ninguém* duvidou que Jack Dempsey iria tombar ao comprido na lona do ring de Jersey-City. Foi breve a miragem; a bigorna recuperou e rompeu num bombardeamento sem quartel nem mercê.

Revivemos, ainda, êsse dia de Setembro, que pôs uma nódoa escura na carreira de tão brilhante atleta. O senegalês Battling Siki, um desequilibrado dotado de força hercúlea, preparando-se para simular-se presa fácil e breve, Carpentier, confiado, sobe ao ring

e diz ao *manager* que o tempo ameaça chuva. «Sim», responde-lhe Descamps, «é preciso andar lesto — *Car il va pleuvoir...*»

Do 3.º ao 6.º assalto o negro demoliu a estátua, com fúria destruidora de iconoclasta. Não foi um *match* mas uma carnificina sem tréguas.

Depois a América e a ruína financeira. O heróico combate com Gene Tunney, que durou 14 assaltos, o *music-hall*, o cinema e o *bar* famoso de Cannes, onde o duque de Windsor, seu grande admirador, um dia o visitou, consagrando o local. A guerra veio encontrá-lo pobre e triste, depois de num *film* estranho, ter estampado a navalhada conjugal de que foi vítima.

Georges Carpentier, o mágico artista do jogo do sóco que nasceu pugilista com Henri Cochet nasceu para o *tennis*, aparece após a queda da França como *colaborador* dos alemães e é apontado pelos «degaulistas», ao lado de Maurice Chevalier.

Pobre Carpentier! Piloto-aviador numa esquadilha de reconhecimento durante a guerra de 1914-18, sempre bom patriota, o seu calvário não merece a fama da ignominia.

Agora lemos que festejou os seus 50 anos de idade de modo original mas de harmonia com o seu temperamento. No dia 12 do corrente numa sala de *boxing* de Paris, (quem sabe se no antigo Elysée Municipal, onde Georges debutou!) os parisienses assistiram a um combate-exibição entre Roger Michélot e G. Carpentier. No canto deste último faltou o *chinez* Francis Descamps, filial mentor e amigo, pois a morte há muito o levou para mundos melhores. Mas o seu espírito pairou decerto no local, para aconselhar o seu pupilo, como outrora, nos tempos em que estavam no outro canto do quadrângulo os Wells, Papkes, Klans, Gunboat Smith, Dempsey e Tunney — enfim, toda essa série de pugilistas, em geral mais pesados, que Georges combateu e em quem deixou, como nas turbas, vencedor ou vencido, a impressão extraordinária do seu talento mágico e da sua elegância moral.

Estes atributos e o seu inconfundível estilo, claro, preciso, ágil e plásticamente belo, conduziram-no insensivelmente à categoria de *embaixador do músculo* francês. Foi, sem dúvida, o pugilista latino mais extraordinário que jamais houve, e isso bastaria para que lhe consagrássemos aqui algumas linhas evocadoras, a propósito do quinquagésimo aniversário do seu nascimento...

UM «CASO» A PONDERAR E A RESOLVER

O DESNIVEL DE FORÇAS

no torneio da 2.ª divisão da A. F. L.

A falta de espaço não tem consentido a merecida referência a diversos aplausos que recebemos acerca do artigo publicado no nosso número 51, sobre o caso verificado na disputa do torneio da 2.ª divisão da A. F. L.

Sublinhámos então a desvantagem do desnível de forças que se verificou e a circunstância de não trazer a desejada solução o facto dos estorilenses subirem à divisão de honra, posto que a presença do Fósforos ou do Unidos na série secundária ofereceria o mesmo aspecto.

As declarações de Augusto Silva, que publicámos há pouco, confirmaram a nossa asserção. E existe, afinal, certa uniformidade de critérios sobre o ponto básico da questão: o problema poderia desenvolver-se com o alargamento da série principal, onde o número de oito equipas seria mais aconselhável.

«Stadium» vai prosseguir, a partir dos próximos números, o estudo deste importante assunto, publicando opiniões de alguns conhecidos elementos — cuja actividade na vida desportiva dos clubes directamente interessados no «caso» se autoriza, com o conhecimento que dêe possuem, a fornecer curiosas observações práticas, que poderão conduzir à almejada solução. Começaremos no dr. Abrantes Mendes, que falará pelo que se refere ao pensamento do Fósforos.

O dr. Moura Relvas e a natação local

NOTAS... SEM VALOR

DE mal a pior, sem «método», o Salgueiros voltou a perder no seu campo. Desta vez enfrentou um grupo de «larga visão», espreitando com felicidade a má sorte dos «encarnado» nortenhos. O Olhanense foi um caso sério. Ou não fôsse de Olhão!...

— O desentendimento da turma salgueirista — sintoma em evidência — proporcionou alguns comentários curiosos. Um deles ficou-se devendo a um colega muito «profundo» nestas coisas de futebol: na segunda-feira, à tarde, na reunião dos plumbitos no seu «Q. G.» — o café Excelsior — teve esta frase, a propósito do rendimento do grupo: «Ali falta uma «coisa»... para dar outro ritmo à equipa...»

— Comenta-se desfavoravelmente a «perice» de dois «atacantes» do clube de Augusto Lessa, não jogando contra o Olhanense. A direcção da colectividade terá mais um «caso» para se entreter...

— Miguel Siska, ex-jogador do F. C. do Pôrto, treinador, etc., passou a orientar a turma do Sporting de Braga. O conhecido guarda-redes vai à capital minhoto duas vezes por semana, para tomar contacto com os seus novos pupilos. Boa sorte!

— O «volleyball» parece querer subir no conceito dos desportistas portugueses. O seu progresso é evidente, como demonstra a criação de secções desta modalidade em diversos clubes já existentes, e a fundação de outros. Ainda bem! Para já, fala-se numa competição universitária, entre os principais centros escolares. Os estudantes e a «Mocidade Portuguesa» são os mais fervorosos e persistentes propagandistas do «volleyball» — das mais belas modalidades desportivas!

— A A. F. do Pôrto, sem «dar ouvidos» a comentários, vai organizar o campeonato regional de juniores, agrupando seis clubes da 1.ª divisão, um da 2.ª e outro da promoção; representam-se assim três concelhos: Pôrto, Gaia e Matosinhos. Os clubes são: F. C. do Pôrto, Boavista, Salgueiros, Leixões, Académico, Leça, Vilanovense e Matosinhos.

— No campo do Lima ia havendo «arilhos», no final do jogo Académico-Leça. É que alguém queria «protestar» contra a actuação de um juiz de linha, que pretendia ser mais «exigente» do que a quem competia esse direito. A intervenção rápida de um «associado» evitou o «aquecimento» da questão. Os exemplos frutificam, sinal de que se não perde a semente...

— O relatório da gerência da delegação da ex-U. V. P. deveria já ter sido discutido na assembleia pela facção clubista. Há um esquecimento apenas: não relatar duas competições fora do Pôrto — o circuito da Bairrada e o de Espinho. O colega José Ribeiro — Zé de Gaia — nas suas sensatas apreciações «referenciou» bem a personalidade directiva da delegação da ex-U. V. P.

SERÁ NAS ANTAS

o novo campo do F. C. P.?

OUVIMOS a notícia nos «mentideros»... Saida da boca de quem tem sido dos mais fervorosos dirigentes do clube da Constituição, aceitámo-la como certa; mas, depois, dias decorridos, o facto apareceu narrado com maior soma de pormenores.

Assim, de acordo com o que se «diz», parece que tudo se conjuga para que o campo de jogos do F. C. do Pôrto seja construído, ou adaptado, em terrenos confinantes com a avenida dos Combatentes da Grande Guerra, já no populoso bairro das Antas. Desta maneira, o terreno adquirido lá para as bandas da Fonte da Moura será vendido — não sabemos a quem nem para quê.

Mais alguns anos perdidos...

Crise no Salgueiros

NÃO vamos abordar qualquer aspecto administrativo ou directivo do popular clube portuense. Longe de nós tal pensamento, que poderia provocar dissensões, malquerenças, perturbações, com todos os prejuízos graves que esta «guerra de nervos» trás às colectividades, sejam elas de que natureza forem...

Jornal desportivo, com fins puramente construtivos, nada mais pode preocupar-nos do que a exibição técnica dos grupos, das modalidades, ainda que essa boa ou má actuação tenha a sua base principal assente em pormenores de ordem interna.

Pretendemos focar, unicamente, o aspecto mau que a turma salgueirista tem demonstrado no decorrer do campeonato nacional da 1.ª divisão. Apontamos o facto sem nos preocuparmos com as razões, porque talvez tivéssemos de invadir, neste caso especial, aquilo que julgamos serem atribuições das assembleias gerais.

Apesar de todos os esforços dispendidos por alguns dos mais sacrificados dirigentes do Salgueiros, não obstante os vários alinhamentos que o grupo tem apresentado, deste ou daquele reforço, nota-se que o grupo não só não possui ainda toada definida de jogo, como agora — e esta impressão radica-se ainda mais no nosso espírito, depois do jogo contra o Olhanense — parece haver desinterece da parte dos seus elementos, se é que não começam já a revelar cansaço resultante do facto de nunca terem tido ocasião de fazer tantos jogos de qualidade seguidos, acrescidos de deslocações maçadoras e extenuantes.

Se é certo que o quinteto «encarnado» nunca foi de temer na competição regional, também é certo que a sua defesa era colada como das melhores da cidade, com um sector intermédio dos mais arrojados do burgo tripeiro.

Que vemos agora?

Coura, o mais dinâmico de todos os onze rapazes que ostentam no peito a águia — símbolo indicador de largos vãos... — o estêo do grupo, aquele em quem se pousava o olhar com vontade, porque era, sem sombra de dúvida, o mais jogador e o que mais fazia jogar, deu a impressão de que também chegou a sua vez. E quem pode protestar contra isso?

Pois se o Salgueiros vivia do esforço deste rapaz, que impulsionava o ataque, cobria os erros da defesa, e emendava os lapsos dos seus alas, empurrando para a frente os homens da 1.ª linha, multiplicando esforços e desbaratando energias — como não admitir um esgotamento?

Mas, em contra-partida, alguns há que poderíamos indicar como sendo nulidades no grupo. Não o fazemos, porque ainda têm tempo para se corrigirem, ou para serem corrigidos...

Mas voltando ao ponto morto da questão: nota-se que o Salgueiros não tem toada definida, forma consciente de jogo. A bola segue por sorte, nunca por cálculo — não porque o jogador saiba que «shootar» ou passa completa consciência do que faz. Não há combinação, sentido de equipa, personalidade colectiva. Depois, alguns dos seus homens parecem desconhecer que o seu lugar é um só e que, uma vez deslocados, o rendimento não pode ser evidente, porque as «pedras» deste «tabuleiro» estão fora de jogo.

É isto que se nota. E para remediar este mal, é preciso alguém, com conhecimentos, poder, larga visão e experiência: um treinador!...

Ora, sob o ponto de vista local — não nos podemos reportar ao aspecto área, porque não vimos o que vai deixar de ser, nem aquele que está para ser... — o das Antas é mais cómodo, por todos os motivos: não só porque a viagem é mais rápida, com o mesmo preço que para os campos actuais, mas também por

(Conclui na pág. 15)

A natação é, em Coimbra, o desporto mais popular depois do futebol. Há anos não se falava, por certo, em tal desporto, nos clubes locais. Veio, depois, a larga iniciativa da praia artificial, em pleno Mondego. Garrida, vistosa, movimentou a cidade. Animou-se o verão. Apareceram barcos de recreio. Criou-se o gosto pelo sol — e pelo banho. Começou assim a prática do belo desporto.

Em poucos anos, a natação coimbricense ascendeu ao primeiro plano, entre os melhores núcleos lusitanos da especialidade. Com entusiasmo, bom critério e espírito de iniciativa, constituiu-se um valoroso grupo de nadadores. Mas tem havido também muita dedicação, em mais de uma oportunidade.

Um dos segredos de tão excelente trabalho consistiu em dar seqüência ao esforço dirigente, na Associação de Natação de Coimbra. Sempre a mesma gente, com as mesmas qualidades. A sua acção tem por isso merecido frequentes elogios, na cidade e no país.

O dr. Moura Relvas era figura de relvêo neste grupo de dirigentes. Médico ilustre, com larga clientela, e antigo deputado da nação, levou, para a natação, o prestígio do seu nome — e o valor da sua colaboração dedicada e inteligente. No ano transacto, houve oportunidade para se revelar de novo o seu espírito de sacrifício. Para recompôr a piscina improvisada do Mondego precisava-se de certa quantia e a Câmara Municipal não podia levar longe o seu costumado subsídio. Entre uma coisa e outra havia desnível regular. O dr. Moura Relvas ofereceu-se para pagar do seu bolso a diferença, ficando a exploração da piscina de conta da A. N. C. Foi esta atitude decidida que tornou possível a utilização da reterida piscina.

A época não correu bem quanto a resultados financeiros. Houve, sobretudo, um forte vendaval na altura da visita do Alhandra. Registou-se, por isso, no final da temporada, um deficit de certo modo avultado. O tesoureiro teve dificuldade em comunicar tal facto ao dr. Moura Relvas. Não lhe agradava o sacrifício do presidente. Mas este aceitou o resultado da gerência com serenidade. Não pestanejou. O ilustre médico mostrou-se satisfeito com o facto do seu sacrifício ter sido útil à natação, quando lhe disseram o bom número de pessoas que aprenderam a nadar.

O dr. Moura Relvas tem ainda sido excelente propagandista da natação. Não se limitou a dirigir. Procurou convencer toda a gente do valor da modalidade como desporto. Arrastado, para ela, pela simpatia que lhe despertou, tem canalizado para lá outras simpatias e dedicações. Pelo seu espírito de persuasão, é, em Coimbra, a ún ca pessoa que pode conseguir a construção de uma piscina definitiva.

VIDA ASSOCIATIVA

Novas gerências

Foram sancionadas e tomaram posse mais as seguintes direcções:

Associação de Handball de Lisboa — Aníbal Marques, Augusto Koldão Andrade, António Marques Baptista, Francisco da Cruz Maia, Américo Lavares, Manuel Joaquim Frazão e Francisco Pereira de Sousa; Grupo Taurinómico Sector 1 — Carlos de Ornelas, dr. Aristides Fragoal, José Mayer, Alberto Espírito Santo, Luís Ferreira, Mapril B. Gouveia e Augusto Silva Araújo, efectivos, e Alexandre J. Colarinho e Augusto Vilça de Sousa, suplentes; Associação Naval 1.ª de Maio (Figueira da Foz) — dr. Mário Beija, Joaquim de Sousa Braz, Manuel J. de Almeida Meneses, António G. de Oliveira, António Pinto Pascoal, José Artur dos Santos, Manuel Artur dos Santos, João G. galves de Oliveira e Lamartine G. Broseque; Curia Palace Sports Club (Curia) — Gil de Almeida, Alexandre Lopes de Almeida, Edmundo da Silva Machado, José Maria Simões e Antero dos Santos Lopes; Lisboa Club Rio de Janeiro — António Neves, Alvaro de Almeida, Francisco F. Louro, Francisco F. Avellano, Alvaro R. de Figueiredo, Edmundo Ferreira Marques e Manuel da Silva Lopes, efectivos, e João Silva e Armando de Oliveira, suplentes; Grupo Dramático e Escolar «Os Combatentes» — Manuel de Jesus Neves, José G. da Cruz, Domingos Jorge, Carlos Avelar, Mário Cabral, Eugénio Relvas, Mário Martins, Luis Ventura e Raúl Silva; Grupo Campista «Flor de Lys» — Humberto da Silva Santos, Carlos M. Faria, Alberto A. Matherio, Carlos C. Guimarães, Jorge M. Monteiro, Carlos A. Monteiro e Mário A. Lihaka.

A SEMANA ATRAVÉS DA OBJECTIVA



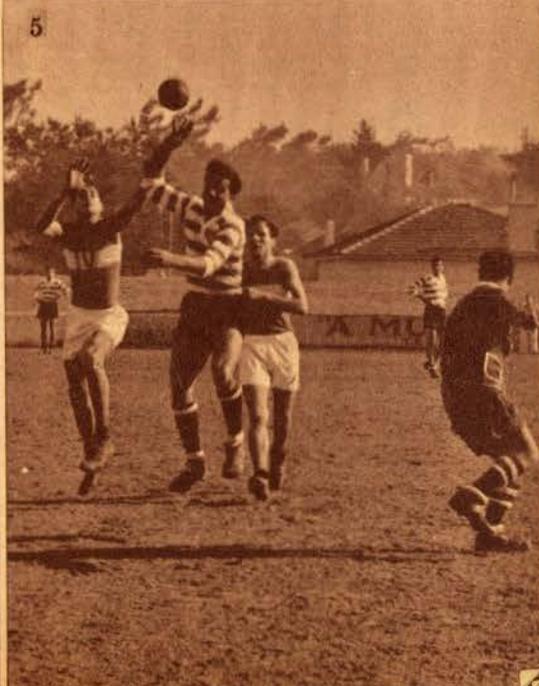
DUAS FASES DO ENCONTRO DAS SALESIAS, ENTRE BELENENSES E F. C. PORTO

A esquerda, Guilhar em luta com Simões; à direita, um remate de Sousa Pinga é desviado por Amaro. Feliciano observa...





CAMPEONATO DE LISBOA DE «HAND-BALL»: 1 — Curiosa defesa da guarda-redes belenense; 2 — Fase do encontro Belenenses-Unidos; 3 — A equipa do Unidos, que bateu os actuais campeões; 4 — No jogo Benfica-Cif; 5 — Fase do desafio entre Sporting-Marvilense. ATLETISMO: O lote de corredores que disputou o «cross» organizado pelo Sporting





XADREZ

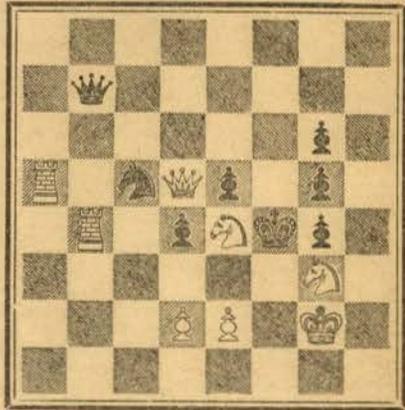
Diracção de Vasco C. Santos e J. Cosentino Vinagre

Toda a correspondência deve ser endereçada à nossa redacção com a referência «Xadrez»

PROBLEMA N.º 11

Concours de U. P. F.

E. KLAR



1.º prémio

Mais em 3 lances

Notas soltas

Aleckine não endoidece. Prova-o o facto de ter participado, posteriormente à data da sua suposta perturbação mental, em algumas provas, como naquela em que defrontou, em Sevilha, numa «simultânea», trinta e cinco jogadores dos mais fortes da Andaluzia. Parece-nos inadmissível que um indivíduo com as faculdades mentais pouco precisas, conseguisse, por maior consagração que tivesse obtido no «mundo do xadrez», ganhar «simultaneamente» 27 partidas, empatando 6 e perdendo apenas 21...

— Está prestes a iniciar-se o Campeonato Nacional de Xadrez. Regosijamo-nos desde já pelo facto, pois só por si significa a regularidade com que finalmente se passará a disputar a prova em que o título máximo é pôsto em jogo. Tem-se como certa a participação de Carlos Pires, actual detentor do «cetro» dos Mestres Peter Braumann, Gabriel Russell, dr. Gabriel Ribeiro, e dos candidatos ao título de mestre Francisco José Lupi e João Mário Ribeiro, campeões, respectivamente, de Lisboa e do Porto. Dada a homogeneidade do elenco do torneio, é fácil vaticinar brilhantismo e emoção.

— Terminou agora o primeiro torneio da presente época: o campeonato de 3.ª categoria do Grupo de Xadrez de Lisboa, que reuniu 13 concorrentes. Os primeiros postos foram ocupados pelos xadrezistas Fernando de Almeida, novo campeão, A. Meça de Oliveira, Mário Pinto Gomes, etc. O nível técnico da prova foi sensivelmente inferior ao da antecedente, mas a homogeneidade foi mais expressiva — e por consequência teve maior interesse.

— Depois de se disputar o Torneio de Mestres (campeonato de Portugal), dar-se-á início a outra prova não menos importante: o campeonato de Lisboa inter-equipas, para o qual foi instituída a famosa taca «Estoril», actualmente em poder do Sport Lisboa e Benfica.

Uma das nossas intenções é fazer interessar pelo xadrez as mais importantes colectividades desportivas. Assim, esperamos ver representadas naquela prometedora manifestação da vitalidade do «desporto intelectual» a gloriosa trindade: Benfica, Sporting e Belenenses!

— Projecta-se também outra sensacional prova: um «match» Lisboa-Porto pelo telefone. Garantem-no Rui Nascimento — o idealizador — e Francisco Lupi, da Sociedade Propaganda de Portugal. Segundo se supõe, a equipa de Lisboa jogará numa das salas do Casino Estoril — onde também se espera receber brevemente uma equipa de xadrezistas espanhóis, a fim de se realizar o 1.º Portugal-Espanha.

— O Grupo de Xadrez de Lisboa está de parabéns. Faz agora 11 anos que meia dúzia de entusiastas — a dedicação personificada! — ergueram os alicerces de uma obra a que o xadrez lusitano tanto deve. Ao estruendo paladino da arte escacística em Portugal, as nossas melhores felicitações e votos de ininterrupta actividade.

— Uma sugestão, a propósito: por que não se comemora o aniversário do G. X. L. realizando-se, por exemplo, a distribuição dos prémios da época finda e a projectada «simultânea» de Nascimento-Lupi — programa que não chegou a efectuar-se e que acusa hoje um atraso injustificado?

CORRESPONDÊNCIA — J. G. Soares da Graça, Coimbra — Acusamos a recepção de um «dois-lances». Oportunamente informá-lo-emos do resultado do exame

A vitória de Rurac

sobre Cochet na final dos Campeonatos Internacionais, constituiu surpresa

As duas últimas jornadas dos Campeonatos Internacionais do Estoril (Inverno-1944), após interrupção amplamente justificada pelo louvável propósito de proporcionar aos portugueses a exibição do famoso Henry Cochet, decorreram plenas de interesse e animação.

Todos os que no sábado e no domingo se deslocaram para o Estoril devem ter dado por muito bem empregado o seu tempo. E muitas foram as pessoas que assistiram a essas duas actuações de Cochet, de tal maneira que, para alguns, registou-se assistência «récord».

Os elementos de menor valia — não queremos dizer que não possuíssem valor — e estavam já afastados da prova, o que equivale a dizer que estava feita a natural selecção de valores.

Cochet, Szawost, Rurac e José Roquete foram, portanto, as «vedetas» dos mais sensacionais encontros efectuados no Estoril, a contar para uma competição que veio a ter desfecho com que muitos não contavam.

A derrota de Cochet pode ter surpreendido. Melhor — deve ter surpreendido. Mas a verdade é que, para quem souber ver ténis, o seu desaire em nada desmente a fama de que vinha precedido. Há que ter em atenção um factor, a cujos efeitos ninguém escapa: a idade. Rurac, com metade dos anos de Cochet, sensivelmente, teve essa circunstância pelo seu lado para arrancar uma vitória que lhe traz aumento de créditos de categorizado jogador.

Szawost foi, nesta competição, melhor do que havia sido, em Outubro, quando jogou em Cascais e no Estoril. E Roquete foi o jogador voluntarioso de sempre, mas de classe inferior à dos restantes semi-finalistas.

*

O encontro Cochet-Szawost, numa das meias-finais, foi dos melhores que se terão disputado em «courts» portugueses. O antigo

campeão mundial forneceu a sua melhor exibição contra um adversário que entrou no «court» disposto a dar tudo por tudo.

É crível que para muitos dos espectadores Szawost tenha sido mais brilhante que Cochet. A sua energia, o seu «serviço» colocado e fortíssimo, a que o francês por meia dúzia de vezes nem sequer tentou responder, evidenciaram claramente que o ténis é difícil. Cochet, porém, revelou superior classe, com impressionante facilidade de execução e excelente concepção das jogadas, algumas das quais, junto à rede, maravilharam. E fica-se a pensar o que terá sido Cochet nos seus tempos áureos...

A vitória pertenceu-lhe, por 6-4, 4-6 e 6-2 um «score» que reflete com flagrante exactidão o desenrolar da luta. No segundo «set», tivemos a impressão de que Cochet logo que se atrasou na marcação, procurou reservar energias para a derradeira partida. E nesta impôs-se.

A outra meia final disputaram-na Rurac e J. Roquete. Vitória natural do primeiro por 6-0 e 9-7. A diferença de «score» das duas partidas é notória. Consequência do nosso campeão só tarde se ter apercebido da toada conveniente para o jogo vigoroso de Rurac, que tem na sua «esquerda» o melhor atributo.

E chegou-se à final, ao melhor de cinco partidas, portanto em condições mais difíceis para Cochet. Os 23 anos do romeno falaram claramente. O seu adversário, que na véspera foi obrigado a maior dispêndio de energia, acabou por ceder. Rurac foi voluntarioso ao máximo, principalmente depois de se ter apercebido de podia vencer. E venceu mesmo — vencendo o público. Resultado: 6-4, 3-6, 6-3 e 6-4.

*

A prova de pares-homens redoundou numa série de exhibições mais ou menos agradáveis. E nesta modalidade Cochet e Szawost revelaram, de novo, todo o seu valor.

DRIVE

FUTEBOL

2.ª DIVISÃO DO CAMPEONATO NACIONAL

(Conclusão da pág. 6)

GRUPO C

Os dois concorrentes mais em evidência na «poule» dos clubes da A. F. Santarém encontraram-se no domingo, em Vila Franca. Por isso, e porque os locais haviam obtido «scores» mais convincentes, podia atribuir-se aos vilafraqueuses maior favoritismo. Confirmaram-se as previsões e os Ferroviários do Entrocamento saíram derrotados por 3 «goals» de diferença. Naturais a vitória do Alcanenense sobre o União Operária e o empate entre os Leões e o Alverca.

Na série 11, a vitória do Onze Unidos, do Montijo, sobre o Estoril Praia, constituiu a grande surpresa da jornada. Os estorilenses não tiveram melhor sorte do que o Barreirense, oito dias antes, sendo também batidos pela diferença de dois «goals». Pouco a pouco, os montijenses começam a impôr-se e, agora, há, fatalmente, que contar com eles. Do encontro Unidos do Barreiro-Sexal, só pode causar admiração que os sexalenses pudessem marcar quatro «goals». Mas sofreram dez... O Barreirense obteve vitória folgada, de modo que só o Lusó, bem batido pelo Chelas, nos obriga a não pôr em evidência a «tarde» dos clubes do Barreiro.

O Gimnástico Clube do Sul obteve a sua primeira vitória e a sua carreira na prova começa a tornar-se curiosa — visto tratar-se de um estreante. «Os teams» lisboetas resolveram as «coisas» dentro da maneira mais lógica.

GRUPO D

Os algarvios descansaram. A vitória do Juventude sobre o Lusitano, certamente a contrariar o maior número de previsões, veio trazer nova animação ao torneio (naquela região, é claro). E a vantagem do vencedor foi tão folgada que pode muito bem vir a ser preciosa no ajuste de contas.

A luta entre o grupo de Montemor e o de Extremões deve ter sido reñida, a deduzir pelo «score» (4-3). E o Lusó de Beja creditou-se de excelente vitória sobre o Moura A. C. — ZE DO PEÃO.

Gráfica
SANTELMO



ARTES
GRÁFICAS

R. de S. Bernardo, 84 - Lisboa

Assine a Revista «STADIUM»

3 meses Esc. 19\$50

6 meses Esc. 30\$00

12 meses Esc. 78\$00

a que o vamos submeter. Continui a produzir... e conte sempre conosco!

José Augusto Alexandr, Sagres — Desta vez acertou! Gratos pelas palavras amáveis que nos dirige. Cumprimentos — e bom xadrez.

REVISTA PORTUGUESA DE XADREZ — Acaba de publicar-se o fascículo correspondente aos meses de Novembro e Dezembro, que, como sempre, contém «recheio» precioso, do qual destacaremos a série de partidas do II Porto-Lisboa, comentadas e analisadas pelos mais distintos críticos da especialidade. A R. P. X., que no corrente mês completa 7 anos de gloriosa existência, insere o «crédito» que publicamos no n.º 25, da autoria do nosso colaborador Vasco Santos, que o dedicou a Rui Nascimento, director proficiente da «Secção de Problemas» daquele periódico.

A Revista Portuguesa de Xadrez os nossos agradecimentos e as mais efusivas felicitações por mais este ano de trabalho em prol da causa comum.

ACONTECIMENTOS DA SEMANA

Stadium na Capital do Norte

O NOVO CAMPO DO F. C. P.

(Conclusão da pág. 7)

«BASKETBALL» — Com os desafios Sporting-Rio Sêco, Belenenses-Benfica e Atletico-Operário, que se disputaram na Boavista, principiou em o campeonato de Lisboa.

CICLO-TURISMO — A primeira organização do Putebol Benfica, o «Rally-Natal de 1943», teve o seu epilogo com a distribuição de prémios, no decorrer de uma festa em honra dos velocipedistas do Benfica.

«CROSS COUNTRY» O Atletico e o Sporting organizaram novas provas de preparação das suas futuras equipas, com vista aos próximos campeonatos regionais da especialidade.

A competição do Atletico reuniu cerca de vinte concorrentes, reparados por duas categorias. Em filiação ganhou António de Azevedo, seguido por Manuel Marques e Guilherme Barão. Albertino de Albuquerque foi o vencedor em não filiados, classificando-se ainda nos lugares de honra José Henriques e Pedro Miguel.

Na prova do Sporting classificaram-se: 1.º Manuel Valente, em 6 m. 50 s.; 2.º Jaime Neves; 3.º Marcelino Pires.

FUTEBOL — Na quinta jornada do campeonato nacional corporativo, zona de Lisboa, os resultados foram os seguintes: A. P. L. — Moagens de Ramas, 7-0; E. N. P. «Diário de Noticias» — Espírito Santo, 1-1; Gaivotas-Pro-

gresso Mecânico, 3-0; Levantamentos Aéreos-Comércio de Arroz, W 0; Aparelhagem Electrica-C.T.T., 3-0; E. G. Transportes-Papelaria Fernandes, 5-2.

Com avaruldo numero de concorrentes, começou a disputar-se o campeonato promocionário da A. F. Pôrto.

«HANDBALL» — O F. C. do Pôrto permanece «lader» do torneio organizado pelo Vilanovense, o primeiro da temporada na capital nortenha.

«HOCKEY» EM CAMPO — Na última jornada do campeonato do Pôrto (este torneio prossegue com entusiasmo, enquanto, em Lisboa, a Associação continua ainda à espera de novos directores!...) verificaram-se os resultados seguintes: Boavista-Sport, 10-0; Ramaldense-Academico, 1-0; F. C. Pôrto-Academica de Espinho, 2-0; Leixões-Vilanovense 4-0; Gaia-L'Air Liquide, 0-0. A equipa do Boavista, que conta por triunfos as partidas disputadas, está nas melhores condições para arrebatar o título ao Ramaldense.

LUTA GRECO-ROMANA — Realizaram-se ontem, no Ateneu Comercial, os delegados de clubes com secção de especialidade, a fim de organizar-se a Associação de Lisboa de Atletica e Luta.

TÊNIS DE MESA — Começou ontem a disputa da taça «Stadium», torneio a que concorreram dezóito equipas.

TIRO AO ALVO — Os atiradores com 150 pontos na sexta prova da taça «João Pereira da Rosa», de iniciativa do Ateneu Comercial de Lisboa, fizeram a primeira serie de desempates com o resultado seguinte: 1.º Ayala Botto e Mário Borges Lencã, 146 p.; 3.º J. Martins Santos, 142; 4.º coronel Francisco Real, 136. Os desempates continuam ainda.

VELA — Na segunda prova do Torneio de Preparação, promovido pelo nucleo respectivo da «M. P.» no Pôrto, Dario Tamegão e Jorge Gamito ficaram vencedores, seguidos de Teotónio Pereira — Rui Silva.

«VOLLEYBALL» — Organizados pelo Centro Universitário da Mocidade Portuguesa, começaram a disputar-se, no ginnásio do Instituto Superior Técnico, os primeiros encontros do campeonato de «volley», com que se iniciaram os Jogos Desportivos Universitários.

XADREZ — Na casa da Beira disputou-se um «match» entre as equipas do Hockey Clube e do G. D. da Imprensa Nacional, triunfando a última por 6-4.

Dois inqueritos

A grande falta de espaço com que lutamos, acrescida da abundância de original em no-so poder, obriga-nos a reservar para o próximo número a indicação dos primeiros resultados dos dois inqueritos de «Stadium»: — Qual o maior acontecimento desportivo do ano e o melhor atleta de 1943? ... Apesar de somente haver-se noticiado uma vez — no último número correspondente a Dezembro — que iríamos inquirir aquêles dois inqueritos, o interesse manifestado pelos leitores foi grande, pois receberam-se já cerca de quatro centenas de respostas. Do adiantado, forçado pelas circunstâncias de ocasião, pedimos que nos desculpem.



Um sarau desportivo no Hockey C. P.

O Hockey Clube de Portugal, que parece atravessar uma fase de verdadeiro rejuvenescimento, promove no próximo sábado, nos salões da Casa das Beiras (Palácio Regaleira), um interessante sarau desportivo, seguido de baile, dedicado aos seus briosos representantes na última época das modalidades de esgrima e «hockey» em campo. Além do concurso do Lisboa Ginnásio Clube, que apresentará algumas das classes que tanto êxito alcançaram na sua última festa no Coli em dos Recreios, exhibir-se-á pela primeira vez em público no nosso país o esgrimista português sr. Henrique Santos, há muito residente nos Estados Unidos da América, cujo campeonato nacional de espada conquistou em 1942. O sarau fechará com patinagem artística, por Xavier de Araújo. Agradecemos o convite que nos foi enviado.

O belo esforço do Maria Pia

(Conclusão da pág. 7)

Ginnásio Clube Português, obteve também a sua primeira vitória.

A partir de 1934, o Maria Pia dispensa o melhor carinho ao «basket-ball», modalidade em que tem alcançado os mais recentes triunfos: um campeonato de Promoção e um campeonato da 2.ª Divisão da A. B. L., de cuja 1.ª Divisão faz parte agora.

Outro pormenor curioso: a atenção que o Maria Pia sempre tem dedicado à ginnástica, podendo orgulhar-se de ter sido o segundo clube em Portugal que manteve e apresentou uma classe de senhoras, dirigida pelo professor Aníbal Ramos. Um parentesis: o primeiro clube foi o Lisboa Ginnásio.

Ao Maria Pia pertence ainda grande número de organizações — a meia milha, em natação, por exemplo.

Embora afastado do grande público, o Maria Pia não pára.

Assim na sua sede introduziram-se importantes melhoramentos que foram inaugurados no último sábado.

O salão de bilhar e tenis de mesa ficou mais amplo. O gabinete da direcção mais confortável; o bufete melhor instalado e em local mais adequado; o salão de festas com o palco bastante melhorado; e os balneários receberam também melhoramentos.

Os dirigentes do Maria Pia pretendem desta

que é servido por uma linha em circulação, com acesso pelo Bonfim e por Costa Cabral, dando certa comodidade na deslocação dos desportistas do mais prático bairro da cidade, no capítulo de futebol — o de Campanhã, populoso como poucos.

Claro que esta mudança de situação do futuro (?) campo de jogos do F. C. do Pôrto tem dado margem a comentários — alguns atrevidos — mas que não deixam de ter a sua razão de ser.

Mas como o assunto interessa sobretudo à colectividade da praça do Município, deixemos que dentro dela se trate do assunto, com a rapidez, energia e ponderação que exige, sem excluir firmeza, solução prática e a necessária acção imediata.

A razão que existe a uns, pode não ser a que move os outros — e vice-versa... Por enquanto, o assunto é de mero interesse clubístico. Quando tiver o carácter de cidadão, então teremos todos de intervir, mas a valer...

HANDBALL

APONTAMENTOS

A derrota do Vigorosa em frente do F. C. do Pôrto, no torneio de preparação organizado pelo Vilanovense, não só veio anular o favoritismo que os «verdes» reuniam para atingir o 1.º posto, como emprestou novo ambiente ao torneio. Depois do triunfo, aliás fácil, do Vilanovense sobre o Desportivo de Portugal — dois grupos que se apresentaram nitidamente desiguais em valor técnico — a vitória do Pôrto, na última jornada, proporcionou igualdade no primeiro lugar.

Desta maneira, só o Desportivo está recuado, por não ter registado qualquer triunfo, enquanto os outros três competidores acusam duas vitórias e uma derrota cada.

O torneio deve ficar temporariamente suspenso devido ao Campeonato Regional, que está anunciado para o próximo domingo.

É com natural satisfação que vamos, nesta época, a associação regional dedicar toda a sua actividade a favor do campeonato que se avizinha. Sabemos que os seus dirigentes não são sem tê-lo poupado a esforços para que a competição máxima da sua gerência corresponda a esse interesse, tanto mais que todos os clubes filiados prepararam convenientemente os seus grupos.

A excelente exibição do F. C. do Pôrto, no seu jogo com o Vigorosa, veio demonstrar que os clubes não têm esquecido o «handball». Mas sabemos que um antigo e muito afamado jogador, seleccionado inúmeras vezes para os inter-cidades, vai deixar a prática deste desporto, onde criou muitas simpatias e ao qual dedicou muitos anos de esforçada actividade.

Causou natural agrado a perfeita arbitragem de António de Magalhães, no jogo Pôrto-Vigorosa.

Embora a dois dias do início da época, o seu trabalho, recheado de dificuldades, pela natureza do encontro, foi justamente apreciado pelo público. Pode dizer-se com propriedade que a inactividade não prejudicou as suas reais qualidades de bom árbitro.

forma aumentar a «vida» da sede, atraindo o maior número de associados.

Dedicando estas linhas ao simpático Maria Pia, «Stadium» felicita-o pela passagem do seu 21.º aniversário.



VITÓRIA (S)-ACADÊMICA: 1 — Uma avançada de Rodrigues que Mário tenta cortar; 2 — A energia de Acácio e o esforço de Rodrigues — que mostra uma curiosa máscara; 3 — Uma fotografia curiosa: os jogadores parecem executar um movimento ginástico — numa fase de bom movimento. (foto Manique)

SALGUEIROS-VITÓRIA (G): 4 — Machado não consegue evitar o 1.º ponto do Salgueiros. (foto Hermann)

